



# Aula 02 – Figuras de linguagem e efeitos de texto

*FUVEST – 2021*

**Professora Celina Gil**

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	3
<i>1 – Figuras de Linguagem</i> .....	3
1.1 – <i>Figuras de Palavra</i> .....	4
1.2 – <i>Figuras de Sintaxe</i> .....	6
1.3 – <i>Figuras de Pensamento</i> .....	10
1.4 – <i>Figuras de Som</i> .....	12
<i>2 – Efeito de sentido</i> .....	15
<i>3 – Exercícios</i> .....	22
3.1 – <i>Lista de Exercícios</i> .....	22
3.2 - <i>Gabarito</i> .....	61
3.3 – <i>Exercícios comentados</i> .....	62
<i>Considerações finais</i> .....	113



## APRESENTAÇÃO

Olá!

Nessa aula veremos dois assuntos importantes nas questões de vestibulares: figuras de linguagem e efeitos do texto, principalmente questões relativas a humor e ironia.

**AULA 02 - Figuras de linguagem e efeitos do texto**

- Figuras de palavra;
- Figuras de sintaxe;
- Figuras de pensamento;
- Figuras de som; e
- Efeitos de sentido (ambiguidade, duplo sentido, ironia e humor)

Nesse material, você encontra questões de diversos vestibulares além da sua instituição de escolha. Essa opção foi feita para garantir que você tenha aprendizado aprofundado sobre o assunto.

Vamos lá?

## 1 – FIGURAS DE LINGUAGEM



Figuras de linguagem é um tema muito importante no vestibular. Elas são essenciais em todas as áreas do português. **As figuras de linguagem são recursos expressivos para garantir maior expressividade ao texto**, por isso, são muito importante também na **redação**.

Elas podem aparecer em quatro grandes grupos:



Figuras de Palavra	Figuras de Sintaxe	Figuras de Pensamento	Figuras de Som
<ul style="list-style-type: none"><li>São os recursos associados ao significado das palavras.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>São os recursos associados à organização e estrutura gramatical das frases.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>São os recursos associados à combinação de ideias e pensamentos, ou seja, à interpretação das frases.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>São os recursos associados aos sons das palavras.</li></ul>

Vamos ver agora as principais figuras de cada um dos grupos.

## 1.1 – FIGURAS DE PALAVRA

### Catacrese

Ocorre quando transfere-se a uma palavra o sentido de outra pela semelhança de significado entre elas.

Ex.: **pé** da cama



“pé” no corpo humano é a extremidade inferior, que sustenta o corpo. O “pé da cama” também é a extremidade inferior do móvel e o sustenta. Portanto, por semelhança, pode-se chamar essa parte do móvel de pé da cama.

Outros exemplos: **barriga** da perna

**boca** do fogão

**ATENÇÃO:** Normalmente são expressões de uso tão corrente que muitas vezes não se percebe seu sentido figurado.

### Comparação

Quando se estabelece confronto entre dois termos a partir do que eles têm de semelhante.

Ex.: Seus olhos são **como o céu**.



Os olhos e o céu têm uma relação de semelhança: a cor. Ao invés de escrever “os olhos são azuis”, parte-se desse ponto comum entre eles (a cor) para garantir maior expressividade.

Outros exemplos: Ele é teimoso **que nem uma mula**.

“Meu coração tombou na vida / **tal qual uma estrela ferida**” (Cecília Meireles)

**ATENÇÃO:** Essa figura de linguagem vem **sempre** acompanhada de um conectivo: **como, assim como, tal qual, que nem**.



## Metáfora

É uma comparação subentendida: emprega-se um termo com significado de outro a partir da semelhança entre ambos.

Ex.: A notícia **foi um balde de água fria**.

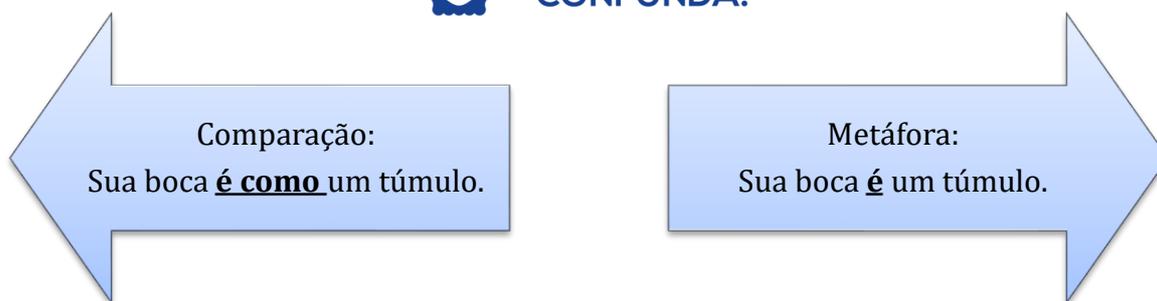
“Água fria” é algo que assusta, que pode apagar o fogo, que pode acordar alguém dormindo, entre outras possibilidades. Aqui, a expressão é empregada simbolicamente para significar algo que causou desânimo: a notícia desanimou as pessoas, “apagou o fogo”.

Outros exemplos: A história **era apenas a ponta do iceberg**.

“Amor é fogo que arde sem se ver” (Luís de Camões)



NÃO  
CONFUNDA!



ATENÇÃO: Essa figura de linguagem **não** vem acompanhada de conectivos.

## Metonímia

Ocorre quando há uma substituição **da parte pelo todo**, ou seja, utiliza-se um termo para representar outro, pois há uma relação estabelecida entre eles.

Ex.: Muitas famílias não têm **um teto** para morar.

“teto” é a parte de um todo (casa). Aqui, substitui o termo “casa” e assume seu significado: Muitas famílias não têm uma casa para morar.

Outros exemplos: Estou lendo **Graciliano Ramos**. (emprego do autor pela obra)

Comi um prato inteiro. (emprego do recipiente pelo conteúdo)

Comprei um pacote de Gilete. (emprego do nome da marca pelo produto)

Vou ao médico. (emprego do proprietário pela propriedade)



## Perífrase (ou antonomásia)

É caracterizada pela utilização de uma expressão que contém características do ser que substitui. Pode também se referir a um fato célebre.

Ex.: Vamos à **Cidade Luz**.

→ Paris é comumente referida como “Cidade Luz”. Nesse caso, esse apelido da cidade substitui seu nome.

Outros exemplos: O **país do futebol** recebe a Copa do Mundo. (= Brasil)

A peça sobre o **Velho Guerreiro** foi um sucesso. (= Chacrinha)

ATENÇÃO: Essa figura de linguagem é compreendida a partir do vocabulário do leitor. É importante ler bastante para expandir cada vez mais o seu léxico. As perífrases são muito usadas em reportagens, então sua leitura é uma boa fonte de novos vocábulos.

## Sinestesia

Se caracteriza pela mistura de sensações (audição, olfato, paladar, tato, visão).

Ex.: Sentiu **o cheiro doce** da liberdade.

→ “cheiro” é da propriedade do olfato; “doce” é da propriedade do paladar. Aqui, misturam-se propriedades de sentidos diferentes de forma a expressar simbolicamente uma sensação.

Outros exemplos: Eles tiveram uma **discussão amarga**.

“É uma **sombra verde, macia e vã**.” (Carlos Drummond de Andrade)

## 1.2 – FIGURAS DE SINTAXE

### Assíndeto

Quando as palavras ou orações se sucedem sem conectivos.

Ex.: “Eu chorando, sofrendo, gostando, adorando, gritando” (Gonzaguinha)

→ As palavras aqui são encadeadas por vírgulas, omitindo os conectivos possíveis, nesse caso, o “e” entre “adorando” e “gritando”.

Outros exemplos: Ele vivia estudando, lendo, resumindo, praticando.

“- Almas tristes, severas, resignadas,

De guerreiros, de santos, de poetas.” (Camilo Pessanha)



## Polissíndeto

O oposto de assíndeto: quando um conectivo é reiterado muitas vezes na ligação entre palavras ou orações.

Ex.: Ela trabalha **e** sofre **e** se cansa **e** recomeça.

→ Há aqui uma ausência de vírgulas, provocando a repetição do conectivo “e”.

Outros exemplos: Não conseguiu **nem** dinheiro, **nem** reconhecimento, **nem** nada.

“Fui cisne, **e** lírio, **e** águia, **e** catedral!” (Florbela Espanca)

ATENÇÃO: mesmo com a presença de vírgulas nos exemplos acima, a repetição dos conectivos caracteriza como polissíndeto.



## Anacoluto

Ocorre quando há uma interrupção brusca do período, iniciado de uma maneira e terminado de outra. Desse modo, acaba por retirar a função sintática daquela palavra.

Ex.: Homens, como brigam entre si!

→ Há aqui uma palavra que já não possui mais função: “homens”. O período se reorganiza ignorando “homens” como elemento essencial da sintaxe e passa a tratá-lo apenas como referência.

Outros exemplos: Eu, sempre que ele liga me conta novidades.

“Bom! bom! eu parece-me que ainda não ofendi ninguém!” (José Régio)

## Anáfora

Ocorre quando há repetição de termos no início das orações ou períodos.

Ex.: **Quando** não tinha nada, eu quis

**Quando** tudo era ausência, esperei

**Quando** tive frio, tremi (Chico César)

→ Há aqui a repetição da palavra “quando” no início dos versos da canção. Isso cria uma sensação de continuidade e constância para aquilo que está sendo dito.



Outros exemplos:

**Sua** doce palavra

**Seu** instante...

**Sua** gula e jejum

**Sua** biblioteca

**Sua** lavra de ouro

**Seu** terno...

**Sua** incoerência

**Seu** ódio, e agora? (Carlos Drummond de Andrade)

### Apóstrofe

Ocorre quando há a invocação de alguém, um chamamento. Há o aparecimento do vocativo.

Ex.: Moça, você está bem?

↳ Há aqui o chamamento de alguém. Muitas vezes, o chamamento pode interromper o fluxo do discurso nos textos literários.

Outros exemplos: Vida, por que és tão difícil?

"Liberdade, Liberdade, / Abre as asas sobre nós" (Osório Duque Estrada)

### Elipse

Ocorre quando há omissão de um termo ou palavra sem prejuízo de sentido. A palavra omitida deve ser reconhecida pelo contexto.

Ex.: "Na sala, apenas quatro ou cinco convidados." (Machado de Assis)

↳ Supressão do verbo "haver": "Na sala, **[havia]** apenas quatro ou cinco convidados."

Outros exemplos: **[Eu]** Andei a noite toda.

**[Eu]** Entrei em casa. A mesa **[estava]** posta. As velas **[estavam]** acesas.

### Hipérbato (inversão)

Ocorre quando há inversão da ordem normal das palavras em uma oração ou da ordem das orações em um período.

Ex.: Está pronto o almoço.

↳ Na ordem normal, essa frase seria "O almoço está pronto". Aqui, há uma inversão dos termos, sem, no entanto, prejudicar o entendimento do significado.

Outros exemplos: "Terminou o Carnaval"

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante" (Hino Nacional)



## Pleonasma

Ocorre quando há repetição de uma palavra a fim de intensificar o significado.

Ex.: A **mim me** parece que deveríamos ficar em casa.

↳ Essa repetição serve para reforçar a ideia de que o que está sendo dito é uma opinião pessoal. Na construção comum seria: “Parece-me que deveríamos ficar em casa.”

Outros exemplos: “E **rir meu riso**” (Vinícius de Moraes)

“Ó **mar salgado**, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!” (Fernando Pessoa)

**ATENÇÃO:** Quando a repetição não acrescenta intensidade à expressão, ela é considerada **pleonasma vicioso**, uma incorreção gramatical. É o caso, por exemplo de “Ele subiu para cima do prédio”: só se pode subir para cima, portanto, essa repetição é desnecessária.

## Silepse

Acontece quando a concordância entre os termos se dá pelo sentido, pelas ideias, e não pela gramática. Pode ocorrer em três circunstâncias:

- **Número:** discordância entre singular e plural.

A **maioria** dos alunos **reprovaram** em matemática.

↳ “maioria” é singular, mas representando um coletivo. Além disso, está acompanhado de “alunos”, no plural. Por isso, o verbo “reprovar” pode vir no plural.

Outros exemplos: O **povo** foi às ruas e **manifestaram** contra o governo.

O **casal** brigou, mas **fizeram** as pazes logo depois.

- **Gênero:** discordância entre masculino e feminino.

**Vossa Excelência** parece cansado.

↳ “Vossa Excelência” e outros pronomes de tratamento são considerados femininos, porém quando se referem a uma pessoa do gênero masculino, o verbo deve concordar com esta.

Outros exemplos: **São Paulo** é muito **populosa**.

“Quando **a gente** é **novo**, gosta de fazer bonito.” (Guimarães Rosa)

- **Pessoa:** discordância entre pessoa e verbo.

**Todos** aqui **somos** brasileiros.

↳ A palavra “todos” normalmente vem com o verbo flexionado na terceira pessoa do plural (“Todos aqui são brasileiros”), mas, neste caso, o falante se inclui no grupo de “brasileiros” e, portanto, o verbo vem na primeira pessoa do plural.



Outros exemplos: **A gente** precisa ir bem na prova para mostrar ao professor que **somos** estudiosos.

“Dizem que **os cariocas somos** pouco dados aos jardins públicos.” (Machado de Assis)

## Zeugma

Ocorre quando há supressão de termo mencionado anteriormente.

Ex.: Eu **fiz** o **trabalho** de português, ele o de matemática.

Supressão do verbo “fazer” e da palavra “trabalho”, que não são repetidas na segunda oração. É equivalente a “Eu **fiz** o **trabalho** de português, ele **[fez]** o **[trabalho]** de matemática.”

Outros exemplos: Ela **comeu** salada, ele **[comeu]** pizza.

“A igreja **era** grande e pobre. Os altares, **[eram]** humildes.” (Carlos Drummond de Andrade)

ATENÇÃO: a zeugma sempre aparece em orações separadas por vírgulas ou outros conectivos.

## 1.3 – FIGURAS DE PENSAMENTO

### Antítese

Ocorre quando há a presença de termos de sentidos opostos numa mesma oração.

Ex.: Faça **chuva** ou faça **sol**, sairemos hoje.

Há aqui duas palavras opostas: “chuva” e “sol”. Elas são conjugadas na oração e posicionadas próximas. Nesta construção, as palavras não formam uma única expressão, apenas estão lado a lado na oração.

Outros exemplos: Não sei dizer o que é **verdade** e o que é **mentira**.

“E onde queres **bandido**, sou **herói**” (Caetano Veloso)

### Eufemismo

Ocorre quando se utilizam palavras ou expressões no lugar de outras a fim de suavizar seu significado.

Ex.: Ele **foi para o céu**.

“ir para o céu” é uma maneira comum de se referir à morte. Para suavizar uma expressão pouco agradável como “morrer”, cria-se um eufemismo para tratar do assunto de modo mais brando.

Outros exemplos: Ele foi **convidado a se retirar**.

“Ele vivia de **caridade pública**” (Machado de Assis)



## Gradação

Ocorre quando há a apresentação de ideias que progridem, de maneira **ascendente** ou **descendente**.

Ex.: Ele **nasceu, cresceu e morreu**.

→ Há uma ideia de progressão nesta oração, que parte do início até o fim da vida: primeiro se nasce, depois se cresce e, por fim, se morre. Há aqui, portanto, uma gradação ascendente, que chega a um clímax.

Outros exemplos: Ele foi milionário, rico, classe média e, por fim, pobre. (gradação descendente)

“O trigo... **nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se.**” (P. Antônio Vieira)

## Hipérbole

Ocorre quando há o uso de uma expressão exagerada, claramente simbólica.

Ex.: Eu estava **morta de cansaço**.

→ Evidentemente, não se pode estar verdadeiramente “morta”, senão não a pessoa não poderia falar sobre seu estado. “morta de cansaço” é uma expressão idiomática, que torna mais evidente a profundidade daquilo que se diz. É equivalente a dizer “Eu estava muito cansada”.

Outros exemplos: Tentei resolver esse exercício **um milhão de vezes**.

“Chega mais perto e contempla as palavras. / Cada uma / tem **mil faces** secretas sob a face neutra” (Carlos Drummond de Andrade)

## Ironia

Ocorre quando aquilo que está sendo dito é o contrário do que realmente se pretende dizer.

Ex.: Quem foi o **gênio** que **tirou zero** na prova?

→ Presume-se que um “gênio” é uma pessoa inteligente. Por isso, um gênio não tiraria zero numa prova. Aqui, a palavra “gênio” está empegada significando seu contrário: “burro”.

Outros exemplos: Eu fico **muito feliz** quando você me **ignora**.

“Era **boa moça, lépida, sem escrúpulos (...)**” (Machado de Assis)

## Paradoxo

Ocorre quando são apresentadas ideias de sentidos opostos formando um todo de sentido, ou seja, é uma expressão formada por palavras cujos significados são aparentemente excludentes.

Ex.: O **silêncio é eloquente**.

→ “silêncio” significa a ausência de sons e “eloquente” significa capacidade de expressar-se bem. Apesar de aparentemente se negarem, a construção com essas

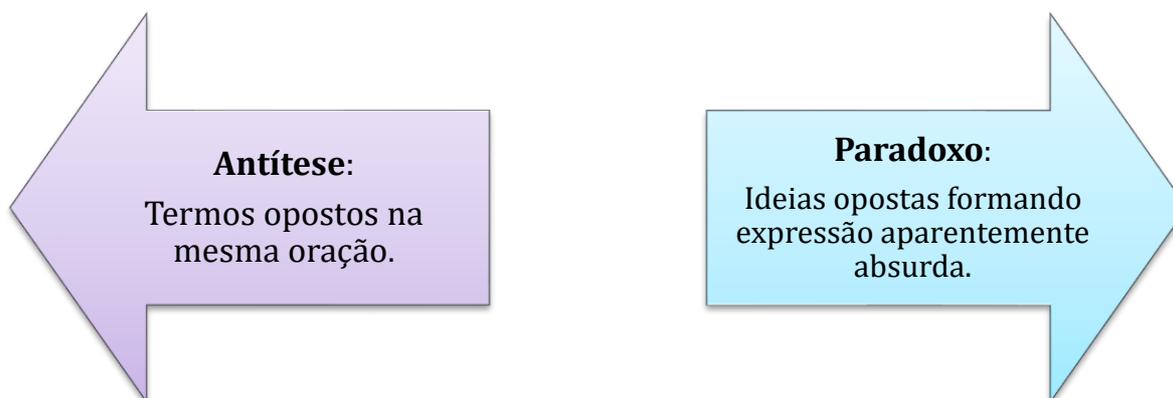


duas palavras têm um objetivo: afirmar que, por vezes, não dizer nada também é uma resposta. Por isso, há aqui uma expressão paradoxal e que forma um todo de sentido.

Outros exemplos: “Estou **cego** e **vejo**./**Arranco os olhos** e **vejo**.” (Carlos Drummond de Andrade)

“Só **sei** que **nada sei**” (Sócrates)

ATENÇÃO: Apesar de semelhantes **antítese** e **paradoxo** possuem significados diferentes!



### Personificação (prosopopeia)

Ocorre quando se atribuem características humanas a seres inanimados ou irracionais.

Ex.: O **dia acordou triste**.

“acordar” e “sentir tristeza” são ações humanas. O dia, como fragmento temporal, não pode sentir nada nem agir de maneira alguma. Neste caso, há a atribuição de um sentimento humano a algo inanimado.

Outros exemplos: O **céu chorava** de alegria.

“Em vão me tento explicar, os **muros** são **surdos**.” (Carlos Drummond de Andrade)

ATENÇÃO: muitas vezes, a personificação é a projeção do sentimento de quem fala. No exemplo “O dia acordou triste”, por exemplo, possivelmente o falante acordou triste naquele dia e projetou no recorte temporal seu próprio sentimento. É como se estivesse dizendo “Acordei triste neste dia”.

## 1.4 – FIGURAS DE SOM

### Aliteração

Ocorre quando há repetição de sons consonantais.



Ex.: O **rato roeu** a **roupa** do rei de **Roma**.

↳ A repetição da consoante “r” é essencial para a constituição do ritmo desse trava-língua.

Outros exemplos: Quem com **ferro fere** com **ferro** será **ferido**.

“**Chove chuva, chove** sem parar” (Jorge Bem Jor)

ATENÇÃO: muitos trava-línguas e ditos populares se baseiam em aliterações.

### Assonância

Ocorre quando há repetição de sons vocálicos.

Ex.: Tinha o **coração** na **mão**.

↳ Há aqui a repetição do som “ão” como elemento que constitui a sonoridade da expressão.

Outros exemplos: O **Museu Galileu pereceu**.

“Juro que não **acreditei** eu te **estranhei** / Me **debrucei** sobre teu corpo e **duvidei**”  
(Chico Buarque)

### Onomatopeia

Ocorre quando há o emprego de palavras que imitam sons ou ruídos.

Ex.: O **tic-tac** do relógio o incomodava.

↳ A expressão “tic-tac” imita o som dos ponteiros do relógio.

Outros exemplos: Acordei com o **cocoricó** do galo.

“Oi, **tum, tum**, bate coração” (Elba Ramalho)

ATENÇÃO: As histórias em quadrinhos e tirinhas são os locais onde mais se encontram onomatopeias.

### Paronomásia

Ocorre quando há repetição de palavras com sons parecidos.

Ex.: O **cavaleiro** é um **cavalheiro**.

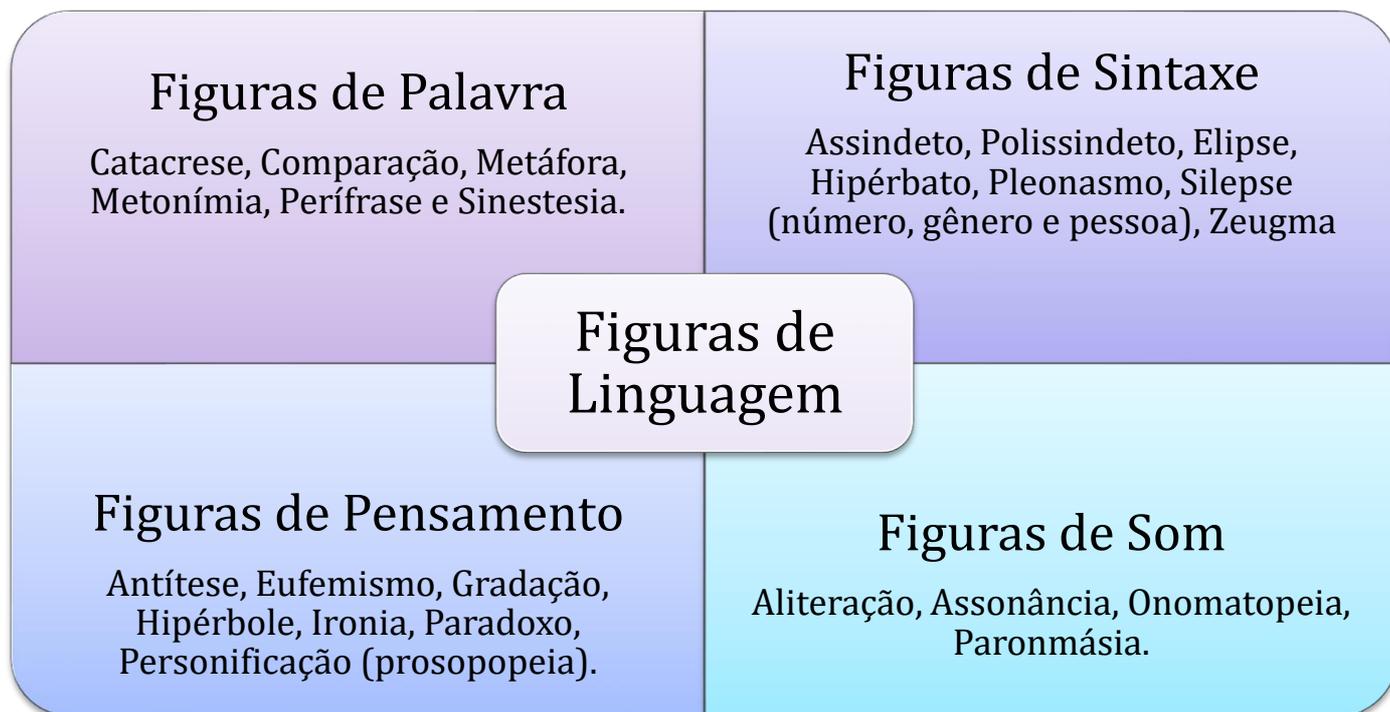
↳ Apesar de possuírem sons parecidos, as palavras “cavaleiro” e “cavalheiro” possuem significados diferentes: “cavaleiro” é quem cavalga e “cavalheiro” é um homem gentil.

Outros exemplos: Os **discentes** conversaram com o **docente**.

O **peão** jogava **pião** com o filho.

ATENÇÃO: é fácil cometer equívocos com palavras parecidas. Cuidado para não confundir palavras que tenham semelhança no som e na escrita!





Vamos ver como isso pode aparecer em um vestibular:

**(UNESP- 2016)**

Leia a crônica de Luís Fernando Veríssimo.

### A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do



instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores.

(O Estado de S. Paulo, 31.05.2015.)

Em “falta lombada” (2º parágrafo), o cronista se utiliza, estilisticamente, de uma figura de linguagem que

- a) representa uma imagem exagerada do que se quer exprimir.
- b) se baseia numa analogia ou semelhança.
- c) emprega a palavra que indica a parte pelo todo.
- d) emprega a palavra que indica o todo pela parte.
- e) se baseia na simultaneidade de impressões sensoriais.

**Comentários:** Ao dizer que “falta lombada” o autor se vale de um elemento constitutivo do livro físico para representar a ideia do livro em si: a lombada, ou seja, a lateral do livro onde ficam fiadas as páginas, é uma metonímia de livro. A alternativa que apresenta a definição de metonímia é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois apresenta a definição de hipérbole.

A alternativa B está incorreta, pois não há analogia ou semelhança, mas assim apontamento da diferença. O autor afirma que os meios digitais não possuem a mesma estrutura que o livro físico e, por isso, não vão superá-lo.

A alternativa D está incorreta, pois a ideia de “todo pela parte” está presente no hiperônimo, que não é uma figura de linguagem, mas sim uma ideia semântica.

A alternativa E está incorreta, pois essa é a definição de sinestesia.

**Gabarito:** C

## 2 – EFEITO DE SENTIDO

Um dos assuntos mais recorrentes em vestibulares é a análise dos **efeitos de sentido**. Compreender um texto é mais do que reconhecer as palavras. É preciso compreender qual o significado do que está escrito. Principalmente em textos de humor e tirinhas, compreender qual o sentido pretendido é imprescindível.

Há quatro efeitos de sentido essenciais a serem compreendidos para a interpretação de textos: **ambiguidade, duplo sentido, ironia e humor**.

### Ambiguidade

A ambiguidade ocorre quando um mesmo vocábulo ou expressão pode ser interpretado de mais de uma maneira. Ela pode aparecer de duas maneiras: como recurso expressivo, principalmente no caso da publicidade ou dos textos humorísticos; ou como um defeito na construção, prejudicando a clareza da mensagem. Ou seja, ela pode ser **intencional ou não**.



Em textos argumentativos, didáticos, jornalísticos e outros de função informativa, a ambiguidade é considerada um defeito. Nesses tipos de texto a mensagem deve ser o mais clara e objetiva possível. Por isso, deve-se evitar expressões que possam gerar algum tipo de ambiguidade.

Um exemplo de ambiguidade intencional pode ser visto na tirinha abaixo:



Fonte: < <http://tirasbeck.blogspot.com/> > Acesso em 11 Mar.2019.

A ambiguidade aqui é proposital. O objetivo é explorar as duas possibilidades da palavra “paciente”: substantivo, significando pessoa que será atendida pelo médico; ou adjetivo, significando característica de pessoa que tem paciência. É nessa ambiguidade que reside o humor da tirinha.

A ambiguidade pode ocorrer em dois níveis: **gramatical** e **semântico**.

## Gramatical

Quando envolve a estrutura da oração, ou seja, a ambiguidade é resultado da posição das palavras na oração.

Ex.: As meninas felizes se arrumaram para a festa.

- "felizes" é característica das meninas ou o estado em que se encontravam naquele momento?

Resolvendo:

- caso seja um estado daquele momento, "Felizes, as meninas se arrumaram para a festa".

Pode ocorrer principalmente devido ao uso ambíguo de:

- pronomes possessivos (Ele voltou para **sua** casa);
- pronomes relativos (Falei com o menino **que** estava feliz);
- formas nominais (Ajudei a amiga cansada).



## Semântico

Quando envolve **polissemia**, ou seja, um termo que apresenta mais de um significado possível.

Ex.: Estava em frente ao banco.  
- "banco" = móvel em que se senta **ou** prédio, instituição financeira?

Resolvendo:

- Estava em frente ao banco da praça.
- Estava em frente ao Banco Itaú.

Atenção: a polissemia ocorre quando uma mesma palavra assume diferentes significados.

Não é o caso, por exemplo, de palavras com grafia e sons iguais, mas classes de palavra diferentes (ex.: "cedo" pode ser advérbio de tempo ou verbo ceder conjugado na primeira pessoa do singular).

### Duplo sentido

O duplo sentido é um recurso expressivo em que as palavras e expressões utilizadas possuem diferentes interpretações. Aparece muitas vezes na publicidade. Além disso, piadas, anedotas e outros textos humorísticos também trabalham com o duplo sentido.



A diferença do duplo sentido para a ambiguidade é que muitas vezes a ambiguidade não é intencional, enquanto **o duplo sentido é planejado**, principalmente visando o humor.

Costuma-se falar em duplo sentido principalmente para construções em que há duas interpretações possíveis: o sentido literal, mais ingênuo; e o segundo sentido, com fundo sarcástico, remetendo a referências sexuais ou ofensivas. Normalmente, depende do conhecimento de mundo do leitor ou ouvinte para que a dupla referência seja compreendida. Além disso, ela depende do contexto: uma frase com potencial duplo sentido pode ser entendida de modos diferentes dependendo dos participantes da conversa. Com colegas de trabalho possivelmente uma frase de



duplo sentido passaria despercebida, enquanto o mesmo não ocorreria num grupo de amigos com maior intimidade.

Veja, por exemplo, essa propaganda:



Fonte: < <http://www.sotitulos.com.br/cia-athletica/> > Acesso em 11 Mar. 2019.

Há aqui duas interpretações possíveis para o texto: que a pessoa recebe a visita de amigos (sentido literal) e que, uma vez que o corpo da pessoa é sua casa, ela mostra seu corpo para outras pessoas (duplo sentido).

Muitas vezes em provas será exigido que você entenda o conceito de duplo sentido, ainda que não apareça a expressão em si. Outras vezes, o duplo sentido se encontra no diálogo entre textos verbais e não verbais, principalmente quando envolve tirinhas, charges ou propagandas.

## Ironia

Como dito anteriormente, a ironia consiste em utilizar uma palavra ou expressão, atribuindo-lhe diferente sentido ou significado de acordo com o contexto. Na construção de um texto, ela pode aparecer em três modos: **ironia verbal**, **ironia de situação** e **ironia dramática (ou satírica)**.

### Ironia dramática (ou satírica)

- Ocorre nos textos literários quando a personagem tem a consciência de que suas ações não serão bem sucedidas ou que está entrando por um caminho ruim, mas o leitor já tem essa consciência.
- Ex.: Em livros com narrador onisciente, ou seja, que sabe tudo o que se passa na história com todas as personagens, é mais fácil aparecer esse tipo de ironia. A peça como Romeu e Julieta, por exemplo, se inicia com a fala que relata que os protagonistas da história irão morrer em decorrência do seu amor. As personagens agem ao longo da peça esperando conseguir atingir seus objetivos, mas a plateia já sabe que eles não serão bem sucedidos. Isso é uma ironia dramática.



## Ironia verbal

- Ocorre quando se diz algo pretendendo expressar outro significado, normalmente oposto ao sentido literal. A expressão e a intenção são diferentes.
- Ex.: Você foi tão bem na prova! Tirou um zero incrível!

## Ironia de situação

- A intenção e resultado da ação não estão alinhados, ou seja, o resultado é contrário ao que se espera ou que se planeja.
- Ex.: Quando num texto literário uma personagem planeja uma ação, mas os resultados não saem como o esperado. No livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, a personagem título tem obsessão por ficar conhecida. Ao longo da vida, tenta de muitas maneiras alcançar a notoriedade sem sucesso. Após a morte, a personagem se torna conhecida. Há uma ironia de situação: planejou ficar famoso antes de morrer e se tornou famoso após a morte.



**TOME NOTA!**

O autor **Machado de Assis** é um dos escritores brasileiros mais conhecidos pelo uso da ironia em suas obras. Lembre-se desse dado quando estiver lendo seus livros!

Para grande parte dos exercícios do vestibular, é a ironia verbal que importa, ou seja, a interpretação do uso das palavras nas orações. Vamos ver como isso pode aparecer num exercício de vestibular:

**(UNESP - 2013)**

Os donos da comunicação

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no society que morre se o nome não aparecer nas colunas.

Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é



mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem?

Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfirim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

(Millôr Fernandes. Que país é este?, 1978.)

Millôr Fernandes emprega com conotação irônica o termo inglês *society*, para referir-se a

- a) pessoas dedicadas ao desenvolvimento da sociedade.
- b) pessoas que fazem caridade apenas para aparecer nos jornais.
- c) sociedades de atores de teatro, cinema e televisão.
- d) norte-americanos ou ingleses muito importantes, residentes no país.
- e) indivíduos presunçosos da chamada alta sociedade.

**Gabarito:** E

**Comentários:** O termo “*society*” é empregado ironicamente no texto para se referir às classes abastadas – muitas vezes referidas pelo termo em inglês “*high society*”, cuja tradução literal é “alta sociedade”. Por isso, a alternativa correta é a E.

A alternativa A está incorreta, pois em nenhum momento há referência de que as camadas da alta sociedade se dediquem ao desenvolvimento social.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência à prática de caridade por parte da alta sociedade no texto.

A alternativa C está incorreta, pois não se fala de artistas nesse momento, mas sim em pessoas que mandam na sociedade.

A alternativa D está incorreta, pois o uso do termo em inglês e refere à expressão *high society*, não a estrangeiros.

## Humor

A maioria dos efeitos de texto citado até então tem um objetivo comum: o humor. Situações cômicas ou potencialmente humorísticas compartilham da característica do efeito surpresa. O humor reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação.

Há diversas situações em que o humor pode aparecer numa prova de vestibular. Há as tirinhas e charges, que aliam texto e imagem para criar efeito cômico; há anedotas ou pequenos contos; e há as crônicas, frequentemente acessadas como forma de gerar o riso.

Vamos ver alguns exemplos:



### **Aneotas:**

Textos narrativos curtos e de enredo simples. A linguagem costuma ser coloquial e lida com conhecimentos e situações populares. Normalmente são de autoria desconhecida: pertencem ao conhecimento do dia a dia.

Ex.:

A professora pergunta a Joãozinho:

- Joãozinho, se eu tenho duas mangas em uma mão e duas na outra, o que eu tenho?

- Mãos grandes!

### **Charges:**

Produções jornalísticas visuais que partem de temas da atualidade para produzir situações cômicas ou críticas.

Ex.:



Charge de Renato Peters sobre o rompimento da Barragem da Vale em Brumadinho.

(Fonte: Twitter do autor)

### **Crônicas:**

Ex.: “No cinema de antigamente você já sabia: quando alguém tossia, era porque iria morrer em pouco tempo. Tosse nunca significava apenas algo preso na garganta ou uma gripe passageira — era morte certa. Quando um casal se beijava apaixonadamente e em seguida desaparecia da tela era sinal que tinham se deitado. E depois, não falhava: a mulher aparecia grávida. Nunca se ficava sabendo o que acontecia, exatamente, depois que o casal desaparecia da tela, a não ser que o filme fosse francês.”

(Vida de cinema, de Luis Fernando Veríssimo)



### Ambiguidade

Ocorre quando um mesmo vocábulo ou expressão pode ser interpretado de mais de uma maneira.



### Duplo sentido

Ocorre quando as palavras e expressões utilizadas possuem diferentes interpretações.



### Ironia

Consiste em utilizar uma palavra ou expressão, atribuindo-lhe diferente sentido ou significado de acordo com o contexto.



### Humor

Reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação.

## 3 – EXERCÍCIOS

Antes de iniciar os exercícios, aqui vão algumas informações:

- Você encontrará exercícios de diversas instituições nesse material.
- Nosso objetivo é que você aprenda bem esse conteúdo para poder ir bem em qualquer situação.

Vamos lá?

### 3.1 – LISTA DE EXERCÍCIOS

#### 1. (UNESP - 2019)

Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.



Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (Pequeno comentário). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

*(A dança do universo, 2006. Adaptado.)*

Em “Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador” (3º parágrafo), a expressão sublinhada constitui um exemplo de

- a) eufemismo.
- b) pleonasma.
- c) hipérbole.
- d) metonímia.
- e) paradoxo.

## 2. (UNITAU - 2019)



“Eles olharam um instante as velhas árvores da Quinta Imperial, por onde vinham atravessando. Nunca as tinham contemplado; e, agora, parecia-lhes que jamais tinham pousado os olhos sobre árvores tão soberbas, tão belas, tão tranquilas e seguras de si, como aquelas que espalhavam sob os seus grandes ramos uma vasta sombra, deliciosa e macia. Pareciam que medravam sentindo-se em terra própria, delas, da qual nunca sairiam desalojadas a machado, para edificação de casebres; e esse sentimento lhes havia dado muita força de vegetar e uma ampla vontade de se expandirem. O solo sobre o qual cresciam era delas e agradeciam à terra estendendo muito os seus ramos, cerrando e tecendo a folhagem, para dar à boa mãe frescura e proteção contra a inclemência do sol.

As mangueiras eram as mais gratas; os ramos longos e cheios de folhas quase beijavam o chão. As jaqueiras espreguiçavam; os bambus se inclinavam, de um lado e doutro da aleia, e cobriam a terra com uma ogiva verde...”

**Triste fim de Policarpo  
quaresma.** Lima Barreto.

Quais as figuras de linguagem presentes no fragmento anterior?

- a) Personificação, antítese, silepse.
- b) Personificação, sinestesia, anáfora.
- c) Anáfora, sinestesia, silepse.
- d) Metonímia, hipérbole, eufemismo.
- e) Hipérbole, eufemismo, sinestesia.

### 3. (Mackenzie - 2019)

<sup>01</sup> — Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; <sup>02</sup> é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. <sup>03</sup> É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e <sup>04</sup> um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social <sup>05</sup> para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada <sup>06</sup> em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de <sup>07</sup> diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, <sup>08</sup> ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; <sup>09</sup> não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, <sup>10</sup> pois não se sabe como inferir sua unidade.

<sup>11</sup> A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de <sup>12</sup> classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos <sup>13</sup> da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que <sup>14</sup> não se presta a nenhuma outra classificação.

<sup>15</sup> A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o <sup>16</sup> exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada <sup>17</sup> pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e <sup>18</sup> convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez <sup>19</sup> de adiantar-se a ele.

Ferdinand de Saussure,  
Curso de linguística geral

Assinale a alternativa correta.



- a) Conotação e figuras de linguagem, como metáfora e personificação, são marcas predominantes da linguagem empregada no texto.
- b) O texto é construído a partir da exploração destacada das comparações, que permitem apreender os interesses argumentativos do autor.
- c) Linguagem denotativa, em tom de efeito objetivo, caracteriza a construção textual.
- d) A subjetividade marcadamente presente no texto é resultante da exploração conotativa de expressões indiciais da 1ª. pessoa do singular.
- e) O recurso a diferentes referências a outros teóricos da área em discussão faz com que o texto possa ser caracterizado como um embate teórico de ideias.

#### 4. (IFBA - 2019)

##### MARIA

<sup>1</sup> Maria estava parada há mais de meia hora <sup>2</sup> no ponto de ônibus. Estava cansada de <sup>3</sup> esperar. Se a distância fosse menor, teria <sup>4</sup> ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando <sup>5</sup> com a caminhada. Os ônibus estavam <sup>6</sup> aumentando tanto! Além do cansaço, <sup>7</sup> a sacola estava pesada. No dia anterior, <sup>8</sup> no domingo, havia tido festa na casa da <sup>9</sup> patroa. Ela levava para casa os restos. <sup>10</sup> O osso do pernil e as frutas que tinham <sup>11</sup> enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e <sup>12</sup> uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. <sup>13</sup> Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta <sup>14</sup> chegara numa hora boa. Os dois filhos <sup>15</sup> menores estavam muito gripados. Precisava <sup>16</sup> comprar xarope e aquele remedinho <sup>17</sup> de desentupir o nariz. Daria para comprar <sup>18</sup> também uma lata de Toddy. As frutas estavam <sup>19</sup> ótimas e havia melão. As crianças <sup>20</sup> nunca tinham comido melão. Será que os <sup>21</sup> meninos gostavam de melão?

<sup>22</sup> A palma de umas de suas mãos doía. <sup>23</sup> Tinha sofrido um corte, bem no meio, <sup>24</sup> enquanto cortava o pernil para a patroa. <sup>25</sup> Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

<sup>26</sup> Quando o ônibus apontou lá na esquina, <sup>27</sup> Maria abaixou o corpo, pegando a sacola <sup>28</sup> que estava no chão entre as suas pernas. <sup>29</sup> O ônibus não estava cheio, havia lugares. <sup>30</sup> Ela poderia descansar um pouco, <sup>31</sup> cochilar até a hora da descida. Ao entrar, <sup>32</sup> um homem levantou lá de trás, do último <sup>33</sup> banco, fazendo um sinal para o trocador. <sup>34</sup> Passou em silêncio, pagando a passagem <sup>35</sup> dele e de Maria. Ela reconheceu o <sup>36</sup> homem. Quanto tempo, que saudades! <sup>37</sup> Como era difícil continuar a vida sem ele. <sup>38</sup> Maria sentou-se na frente. O homem assentou- <sup>39</sup> se ao lado dela. Ela se lembrou <sup>40</sup> do passado. Do homem deitado com ela. <sup>41</sup> Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros <sup>42</sup> enjoos. Da barriga enorme que todos <sup>43</sup> diziam gêmeos, e da alegria dele. Que <sup>44</sup> bom! Nasceu! Era um menino! E haveria <sup>45</sup> de se tornar um homem. Maria viu, sem <sup>46</sup> olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava <sup>47</sup> o mesmo. Bonito, grande, o olhar <sup>48</sup> assustado não se fixando em nada e em <sup>49</sup> ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por <sup>50</sup> que não podia ser de outra forma? Por <sup>51</sup> que não podiam ser felizes? E o menino, <sup>52</sup> Maria? Como vai o menino? cochichou o <sup>53</sup> homem. Sabe que sinto falta de vocês? <sup>54</sup> Tenho um buraco no peito, tamanha a <sup>55</sup> saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não <sup>56</sup> quis mais ninguém. Você já teve outros... <sup>57</sup> outros filhos? A mulher baixou os olhos <sup>58</sup> como que pedindo perdão. É. Ela teve <sup>59</sup> mais dois filhos, mas não tinha ninguém <sup>60</sup> também! Homens também?



Eles haveriam <sup>61</sup> de ter outra vida. Com eles tudo haveria <sup>62</sup> de ser diferente. Maria, não te esqueci! <sup>63</sup> Tá tudo aqui no buraco do peito...

<sup>64</sup> O homem falava, mas continuava estático, <sup>65</sup> preso, fixo no banco. Cochichava <sup>66</sup> com Maria as palavras, sem entretanto <sup>67</sup> virar para o lado dela. Ela sabia o que <sup>68</sup> o homem dizia. Ele estava dizendo de <sup>69</sup> dor, de prazer, de alegria, de filho, de <sup>70</sup> vida, de morte, de despedida. Do buraco- <sup>71</sup> saudade no peito dele... Desta vez <sup>72</sup> ele cochichou um pouquinho mais alto. <sup>73</sup> Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a <sup>74</sup> fala dele: um abraço, um beijo, um carinho <sup>75</sup> no filho. E logo após, levantou rápido <sup>76</sup> sacando a arma. Outro lá atrás gritou <sup>77</sup> que era um assalto. Maria estava com <sup>78</sup> muito medo. Não dos assaltantes. Não <sup>79</sup> da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. <sup>80</sup> O mais velho, com onze anos, era filho <sup>81</sup> daquele homem que estava ali na frente <sup>82</sup> com uma arma na mão. O de lá de <sup>83</sup> trás vinha recolhendo tudo. O motorista <sup>84</sup> seguia a viagem. Havia o silêncio de todos <sup>85</sup> no ônibus. Apenas a voz do outro <sup>86</sup> se ouvia pedindo aos passageiros que <sup>87</sup> entregassem tudo rapidamente. O medo <sup>88</sup> da vida em Maria ia aumentando. Meu <sup>89</sup> Deus, como seria a vida dos seus filhos? <sup>90</sup> Era a primeira vez que ela via um assalto <sup>91</sup> no ônibus. Imaginava o terror das <sup>92</sup> pessoas. O comparsa de seu ex-homem <sup>93</sup> passou por ela e não pediu nada. Se <sup>94</sup> fossem outros os assaltantes? Ela teria <sup>95</sup> para dar uma sacola de frutas, um osso <sup>96</sup> de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. <sup>97</sup> Não tinha relógio algum no braço. Nas <sup>98</sup> mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas <sup>99</sup> mãos tinha sim! Tinha um profundo corte <sup>100</sup> feito com faca-laser que parecia cortar <sup>101</sup> até a vida. <sup>102</sup> Os assaltantes desceram rápido. Maria <sup>103</sup> olhou saudosa e desesperada para o <sup>104</sup> primeiro.

<sup>105</sup> Foi quando uma voz acordou a coragem <sup>106</sup> dos demais. Alguém gritou que aquela <sup>107</sup> puta safada conhecia os assaltantes. Maria <sup>108</sup> assustou-se. Ela não conhecia assaltante <sup>109</sup> algum. Conhecia o pai do seu primeiro <sup>110</sup> filho. Conhecia o homem que tinha <sup>111</sup> sido dela e que ela ainda amava tanto. <sup>112</sup> Ouvia uma voz: *Negra safada, vai ver que <sup>113</sup> estava de coleio com os dois.* Outra voz <sup>114</sup> ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: <sup>115</sup> *Calma, gente! Se ela estivesse junto com <sup>116</sup> eles, teria descido também.* Alguém argumentou <sup>117</sup> que ela não tinha descido só para <sup>118</sup> disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. <sup>119</sup> Foi a única a não ser assaltada. *Mentira,* <sup>120</sup> *eu não fui e não sei porquê.* Maria olhou <sup>121</sup> na direção de onde vinha a voz e viu um <sup>122</sup> rapazinho negro e magro, com feições de <sup>123</sup> menino e que relembrava vagamente o <sup>124</sup> seu filho. A primeira voz, a que acordou <sup>125</sup> a coragem de todos, tornou-se um grito: <sup>126</sup> *Aquela puta, aquela negra safada estava <sup>127</sup> com os ladrões!* O dono da voz levantou <sup>128</sup> e se encaminhou em direção à Maria. A <sup>129</sup> mulher teve medo e raiva. Que merda! <sup>130</sup> Não conhecia assaltante algum. Não devia <sup>131</sup> satisfação a ninguém. *Olha só, a negra <sup>132</sup> ainda é atrevida,* disse o homem, lascando <sup>133</sup> um tapa no rosto da mulher. Alguém <sup>134</sup> gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros <sup>135</sup> desceram e outros voaram em <sup>136</sup> direção à Maria. O motorista tinha parado <sup>137</sup> o ônibus para defender a passageira: *Calma,* <sup>138</sup> *peessoal! Que loucura é esta?* Eu conheço <sup>139</sup> esta mulher de vista. Todos os dias, <sup>140</sup> mais ou menos neste horário, ela toma o <sup>141</sup> ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da <sup>142</sup> luta para sustentar os filhos...

<sup>143</sup> *Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue <sup>144</sup> pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. <sup>145</sup> A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam <sup>146</sup> pelo chão. Será que os meninos <sup>147</sup> gostam de melão? <sup>148</sup> Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha <sup>149</sup> saudades do seu ex-homem. Por que estavam <sup>150</sup> fazendo isto com ela? O homem havia <sup>151</sup> segredado um abraço, um beijo, um carinho <sup>152</sup> no filho. Ela precisava chegar em casa <sup>153</sup> para transmitir o recado. Estavam todos <sup>154</sup> armados com facas-laser que cortam até <sup>155</sup> a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando <sup>156</sup>



chegou a polícia, o corpo da mulher já estava <sup>157</sup> todo dilacerado, todo pisoteado. <sup>158</sup> Maria queria tanto dizer ao filho que o pai <sup>159</sup> havia mandado um abraço, um beijo, um <sup>160</sup> carinho.

*EVARISTO, Conceição. Olhos d' água. Rio de Janeiro:Ed. Pallas,2014, p.39-42.*

“A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!” (Refs. 23-25)

“Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado”.  
(Refs. 153-157)

Sobre os trechos acima podemos afirmar:

- a) Ocorre uma metáfora em “Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida”.
- b) Ocorre uma catacrese em “Tinha sofrido um corte”.
- c) Há a presença da figura de palavra: antítese.
- d) Ocorre uma onomatopeia em “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado”.
- e) Apresenta uma comparação em “Estavam todos armados com facas-laser”.

## 5. (UERJ - 2019)

### Soneto da hora final

Será assim, amiga: um certo dia  
Estando nós a contemplar o poente  
<sup>3S</sup>sentiremos no rosto, de repente  
O beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente  
<sup>6E</sup>eu te olharei também, com nostalgia  
E partiremos, tontos de poesia  
Para a porta de treva aberta em frente.

<sup>9</sup>Ao transpor as fronteiras do Segredo  
Eu, calmo, te direi: – Não tenhas medo  
E tu, tranquila, me dirás: – Sê forte.

<sup>12E</sup>como dois antigos namorados  
Noturnamente tristes e enlaçados  
Nós entraremos nos jardins da morte.



No poema, há diversas referências metafóricas à morte, como exemplifica o seguinte verso:

- a) Estando nós a contemplar o poente (v. 2)
- b) E eu te olharei também, com nostalgia (v. 6)
- c) Ao transpor as fronteiras do Segredo (v. 9)
- d) E como dois antigos namorados (v. 12)

## 6. (FAMEMA - 2019)

Leia o poema “Namorados” de Manuel Bandeira (1886-1968).

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

– Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com  
[a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

– Você não sabe quando a gente é criança e de repente  
[vê uma lagarta listada?

A moça se lembrava:

– A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

– Antônia, você parece uma lagarta listada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

*(Estrela da vida inteira, 2009.)*

Verifica-se a ocorrência de personificação no seguinte verso:

- a) “A moça olhou de lado e esperou.”
- b) “A meninice brincou de novo nos olhos dela.”
- c) “– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.”
- d) “A moça arregalou os olhos, fez exclamações.”



e) “– Antônia, você parece uma lagarta listada.”

## 7. (IFAL - 2019)

<sup>01</sup> Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, <sup>02</sup> era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

<sup>03</sup> - Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a <sup>04</sup> verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

<sup>05</sup> Ele foi simples:

<sup>06</sup> - Sim, já beijei antes uma mulher.

<sup>07</sup> - Quem era ela? – perguntou com dor.

<sup>08</sup> Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

<sup>09</sup> O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em <sup>10</sup> algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e <sup>11</sup> sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir – era tão bom. <sup>12</sup> A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

<sup>13</sup> E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, <sup>14</sup> rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! Como deixava a garganta seca.

<sup>15</sup> E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca <sup>16</sup> ardente engolia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, não tirava a sede. Uma <sup>17</sup> sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

<sup>18</sup> A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio-dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo <sup>19</sup> nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

<sup>20</sup> E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por <sup>21</sup> instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, talvez horas, <sup>22</sup> enquanto sua sede era de anos.

<sup>23</sup> Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e <sup>24</sup> seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, <sup>25</sup> farejando. [...]

*LISPECTOR, Clarice. O primeiro beijo. In: Felicidade Clandestina. Rocco: Rio de Janeiro, 1998.*

Como se pode perceber, o conto literário, de Clarice Lispector, contém passagens dialogais. Numa delas, o interlocutor 2 utiliza a seguinte estrutura sintática para responder a uma pergunta: “- Sim, já beijei antes uma mulher” (Ref. 6). Assim, há uma inversão de termos, o que pode se configurar como a figura de sintaxe.

a) silepse

b) hipérbato



- c) eufemismo
- d) elipse
- e) anáfora

## 8. (UECE - 2019)

[...]

<sup>116</sup> Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, <sup>117</sup> cercava a criaturinha. Silêncio completo, <sup>118</sup> nenhum sinal de vida nos arredores. O galo <sup>119</sup> velho não cantava no poleiro, nem Fabiano <sup>120</sup> roncava na cama de varas. Estes sons não <sup>121</sup> interessavam Baleia, mas quando o galo <sup>122</sup> batia as asas e Fabiano se virava, <sup>123</sup> emanções familiares revelavam-lhe a <sup>124</sup> presença deles. Agora parecia que a <sup>125</sup> fazenda se tinha despovoado.

<sup>126</sup> Baleia respirava depressa, a boca aberta, os <sup>127</sup> queixos desgovernados, a língua pendente <sup>128</sup> e insensível. Não sabia o que tinha <sup>129</sup> sucedido. O estrondo, a pancada que <sup>130</sup> recebera no quarto e a viagem difícil no <sup>131</sup> barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no <sup>132</sup> seu espírito.

<sup>133</sup> Provavelmente estava na cozinha, entre as <sup>134</sup> pedras que serviam de trempe. Antes de se <sup>135</sup> deitar, sinhá Vitória retirava dali os carvões <sup>136</sup> e a cinza, varria com um molho de <sup>137</sup> vassourinha o chão queimado, e aquilo <sup>138</sup> ficava um bom lugar para cachorro <sup>139</sup> descansar. O calor afugentava as pulgas, a <sup>140</sup> terra se amaciava. E, findos os cochilos, <sup>141</sup> numerosos preás corriam e saltavam, um <sup>142</sup> formigueiro de preás invadia a cozinha.

<sup>143</sup> A tremura subia, deixava a barriga e <sup>144</sup> chegava ao peito de Baleia. Do outro peito <sup>145</sup> para trás era tudo insensibilidade e <sup>146</sup> esquecimento. Mas o resto do corpo se <sup>147</sup> arrepiava, espinhos de mandacaru <sup>148</sup> penetravam na carne meio comida pela <sup>149</sup> doença.

<sup>150</sup> Baleia encostava a cabecinha fatigada na <sup>151</sup> pedra. A pedra estava fria, certamente <sup>152</sup> sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se <sup>153</sup> muito cedo.

<sup>154</sup> Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num <sup>155</sup> mundo cheio de preás. E lamperia as mãos <sup>156</sup> de Fabiano, um Fabiano enorme. As <sup>157</sup> crianças se espojariam com ela, rolariam <sup>158</sup> com ela num pátio enorme, num chiqueiro <sup>159</sup> enorme. O mundo ficaria todo cheio de <sup>160</sup> preás, gordos, enormes.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*, 82ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2001. p. 85-91.

Ao utilizar o termo **dormir** no enunciado “Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás” (Refs. 154-155), o escritor cria

- a) um sinônimo para o termo descansar.
- b) um antônimo para criar o sentido contrário ao de morte.
- c) uma metáfora para corresponder, por analogia, ao sentido de vida sobrenatural.
- d) um eufemismo para suavizar traços semânticos negativos do termo morrer.



## 9. (UECE - 2019)

	Comida	Titãs
84	Bebida é água	100 A gente não quer só comer
85	Comida é pasto	101 A gente quer comer e quer fazer amor
86	Você tem sede de quê?	102 A gente não quer só comer
87	Você tem fome de quê?	103 A gente quer prazer pra aliviar a dor
88	A gente não quer só comida	104 A gente não quer só dinheiro
89	A gente quer comida, diversão e arte	105 A gente quer dinheiro e felicidade
90	A gente não quer só comida	106 A gente não quer só dinheiro
91	A gente quer saída para qualquer parte	107 A gente quer inteiro e não pela metade
92	A gente não quer só comida	108 Diversão e arte
93	A gente quer bebida, diversão, balé	109 para qualquer parte
94	A gente não quer só comida	110 diversão, balé
95	A gente quer a vida como a vida quer	111 como a vida quer...
96	Bebida é água	112 Desejo, necessidade, vontade
97	Comida é pasto	113 necessidade, desejo
98	Você tem sede de quê?	114 necessidade, vontade
99	Você tem fome de quê?	115 necessidade!

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

Ao utilizar a palavra *pasto* no verso “Comida é pasto” (Ref. 85), a canção empregou a figura de linguagem

- antítese, porque busca uma definição de comida que contraponha o termo *pasto*, referente à comida do gado, ao termo alimento, relacionado à refeição do ser humano.
- metáfora, em virtude da comparação entre as palavras *pasto* e alimento que apresentam semelhança de sentido: ambas têm o propósito de saciar a fome.
- hipérbole, por querer reforçar, de forma exagerada, na definição de comida, a ideia de que a vontade do homem faminto é a de se saciar, de forma instintiva, como certos animais que se alimentam de *pasto*.
- eufemismo, pois, ao definir o conceito de comida, a intenção é a de tornar mais amena a utilização da palavra *pasto* por outro termo de expressividade mais forte e agressiva.



10. (IME – 2019 adaptada)

Leia o trecho do poema “O Elefante”, de Carlos Drummond de Andrade:

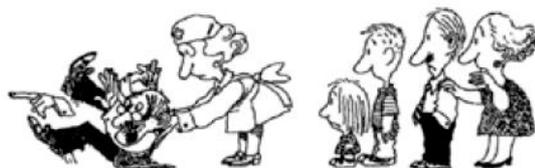
“e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,”

A figura de linguagem construída a partir de uma relação entre os campos semânticos evocados pelo título do poema e de seus versos acima destacados é a (o)

- a) ambiguidade.
- b) apóstrofe.
- c) antítese.
- d) eufemismo.
- e) metonímia.

11. (Fac. Israelita de Ciênc. da S. Albert Einstein - 2019)

Examine a tira do cartunista Quino.



VOVÓ ERA UM CASO PATOLÓGICO. VIVIA ATERRORIZADO POR HORRENDOS FANTASMAS QUE O PERSEGUIAM VINDOS DO PASSADO.



UM DIA CONSEGUIMOS CONVENCÊ-LO A QUE OLHASSE, JUNTO CONOSCO, PARA O FUTURO.



DESDE ENTÃO, TODA A FAMÍLIA SOMOS UM CASO PATOLÓGICO. VIVEMOS ATERRORIZADOS POR HORRENDOS FANTASMAS QUE NOS ESPERAM NO FUTURO.

(Que presente inapresentável!, 2010. Adaptado.)



Silepse é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o sentido, com a ideia que elas expressam. A silepse é, pois, uma concordância mental.

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013.)

Verifica-se a ocorrência de silepse

- a) no primeiro quadrinho, apenas.
- b) no segundo quadrinho, apenas.
- c) no primeiro e no segundo quadrinhos.
- d) no terceiro quadrinho, apenas.
- e) no segundo e no terceiro quadrinhos.

## 12. (UNESP - 2018)

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o



anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse. Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

A perspectiva do narrador diante das situações e dos fatos relacionados à escravidão é marcada, sobretudo,

- a) pelo saudosismo.
- b) pela indiferença.
- c) pela indignação.
- d) pelo entusiasmo.
- e) pela ironia.

### 13. (UNESP - 2018)

Em um trecho do “Sermão da Sexagésima”, Antônio Vieira critica o chamado estilo cultista de alguns oradores sacros de sua época nos seguintes termos: “Basta que não tenhamos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário?”

Palavras “em fronteira com o seu contrário”, contudo, também foram empregadas por Vieira, conforme se verifica na expressão destacada em:

- a) “Navegava Alexandre [Magno] em uma **poderosa armada** pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia” (1º parágrafo)
- b) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais **alta esfera**” (3º parágrafo)
- c) “Saibam estes **eloquentes mudos** que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem” (2º parágrafo)
- d) “Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um **filósofo estoico** se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero” (2º parágrafo)
- e) “Os **outros ladrões** roubam um homem, estes roubam cidades e reinos” (3º parágrafo)

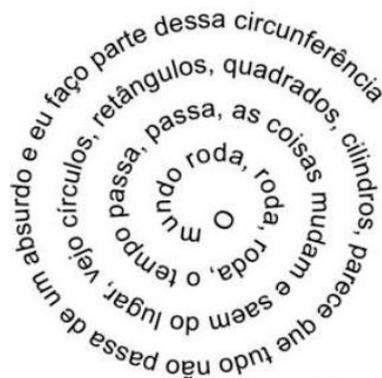
### 14. (UEG - 2018)



Observe a imagem e leia o poema a seguir.



YAYOKI KUSAMA. Dots obsession (Obsessão dos pontos – tradução livre). 1998 Instalação – 600 X 600 X 300 cm Fonte: COUTURIER, Élisabeth. Art contemporain. Le guide. Paris: Flammarion, s.d. p.60.



PEREIRA, C. Disponível em: <[http://1.bp.blogspot.com/\\_p6aURW6N4ik/Ssvzu47gU7I/AAAAAAAAACE/68mw5hykZTM/s320/POEMA03.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_p6aURW6N4ik/Ssvzu47gU7I/AAAAAAAAACE/68mw5hykZTM/s320/POEMA03.jpg)>. Acesso em: 23 ago. 2017.

A leitura, tanto da imagem quanto do poema apresentados, metaforiza o caráter

- a) recorrente da existência humana.
- b) efêmero das paixões humanas.
- c) linear de tudo que compõe a vida.
- d) duradouro das coisas e da vida.
- e) moroso dos entusiasmos existenciais.

## 15. (UNESP - 2018)

Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões a seguir:

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,



E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

(Poemas escolhidos, 2010.)

A figura de linguagem mais recorrente nesse soneto é

- a) a hipérbole.
- b) a ironia.
- c) o eufemismo.
- d) a sinestesia.
- e) a antítese.

### 16. (UEL - 2018)

<sup>1</sup> O velho adormeceu, a mulher sentou-se à porta. Na sombra do seu descanso viu o sol vazar, lento rei n<sup>2</sup> das luzes. Pensou no dia e riu-se dos contrários: ela, cujo nascimento faltara nas datas, tinha já o seu fim <sup>3</sup> marcado. Quando a lua começou a acender as árvores do mato ela inclinou-se e adormeceu. Sonhou dali <sup>4</sup> para muito longe: vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos, os olhos a <sup>5</sup> escorregarem no verde. O velho estava no centro, gravatado, contando as histórias, mentira quase todas. <sup>6</sup> Estavam ali os todos, os filhos e os netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela <sup>7</sup> roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos, todos tinham sempre razão, nenhuma mãe abria a sua <sup>8</sup> carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele <sup>9</sup> sonho, pediu com tanta devoção como pedira à vida que não lhe roubasse os filhos. <sup>10</sup> Procurou na penumbra o braço do marido para acrescentar força naquela tremura que sentia. Quando a <sup>11</sup> sua mão encontrou o corpo do companheiro viu que estava frio, tão frio que parecia que, desta vez, ele <sup>12</sup> adormecera longe dessa fogueira que ninguém nunca acendera.

(Adaptado de: COUTO, Mia. A fogueira. In: *Vozes anoitecidas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2013. p. 25).

Acerca das figuras de linguagem usadas no trecho, assinale a alternativa correta.

- a) Há metáfora em “a vida a continuar-se, grávida de promessas”, revelando o desejo e o ânimo para a sobrevivência.
- b) Há personificação em “a lua começou a acender as árvores”, pois as árvores já estavam iluminadas pelo sol.
- c) Ocorre antítese no trecho “riu-se dos contrários” pela indicação de ideias opostas em evidência.
- d) Ocorre ironia em “Naquela roda feliz”, pois os presentes já estavam consternados pela morte do familiar.



e) Há eufemismo em “cujo nascimento faltara nas datas”, indicando a morte iminente da personagem.

### 17. (FAMEMA - 2018)

Ao coração que sofre, separado  
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,  
Não basta o afeto simples e sagrado  
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,  
Nem só desejo o teu amor: desejo  
Ter nos braços teu corpo delicado,  
Ter na boca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem  
Não me envergonham: pois maior baixaza  
Não há que a terra pelo céu trocar;

E mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre e, na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar.

(Melhores poemas, 2000.)

A preocupação formal com a musicalidade dos versos é confirmada pelo emprego da

- a) metáfora em “Não basta o afeto simples e sagrado”.
- b) aliteração em “Ter na boca a doçura de teu beijo”.
- c) prosopopeia em “Com que das desventuras me protejo”.
- d) hipérbole em “Ao coração que sofre, separado / Do teu”.
- e) antítese em “Ficar na terra e humanamente amar”.

### 18. (FUVEST – 2018)

Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo. 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da



- a) semelhança entre a língua de origem e a local.
- b) falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- c) falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- d) discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- e) incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

Texto comum às questões: 19 e 20.

## 19. (FUVEST – 2018 adaptada)

### Sarapalha

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
- É um instantinho e passa... É só ter paciência....
- É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p’r’os infernos!...
- Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
- Não foi no rio, eu sei... **No rio ninguém não anda... Só a maleita\* é quem sobe e desce**, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...
- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
- **O senhor já sabe as palavras todas de cabeça...** “Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p’ra ir se fugir com ele”...
- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
- Prima Luísa...
- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
- Não é mesmo não...
- Pois então?!
- Conta o resto da estória!...
- ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, **ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa**, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”



No texto de Sarapalha, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- a) “No rio ninguém não anda”.
- b) “só a maleita é quem sobe e desce”.
- c) “O senhor já sabe as palavras todas de cabeça”.
- d) “e com a viola enfeitada de fitas”.
- e) “ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa”.

## 20. (FUVEST - 2018)

Tendo como base o trecho “só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção...”, o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto

- a) causador da malária.
- b) causador da febre amarela.
- c) transmissor da doença de Chagas.
- d) transmissor da malária.
- e) transmissor da febre amarela.

## 21. (FUVEST - 2017)

### CAPÍTULO LIII

.....

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento;—era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula,—coitadinha,—trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria,— uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio,—vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.



Dentre os recursos expressivos empregados no texto, tem papel preponderante a

- a) metonímia (uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, com base na relação de contiguidade existente entre ela e o referente).
- b) hipérbole (ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística).
- c) alegoria (sequência de metáforas logicamente ordenadas).
- d) sinestesia (associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão).
- e) prosopopeia (atribuição de sentimentos humanos ou de palavras a seres inanimados ou a animais).

## 22. (UNESP – 2017)

Texto para as questões 19 e 20.

Leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

*À procura de uma besta.* – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior*.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.



Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se leses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

O humor presente na crônica decorre, entre outros fatores, do fato de o cronista

- a) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.
- b) esforçar-se por ocultar a condição rural do autor do anúncio.
- c) duvidar de que o autor do anúncio seja mesmo João Alves.
- d) empregar o termo “besta” em sentido também metafórico.
- e) acreditar na possibilidade de se recuperar a besta de João Alves.

### 23. (IME – 2017)

#### O HOMEM: AS VIAGENS

Carlos Drummond de Andrade

1

O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua  
pisa na Lua  
planta bandeirola na Lua  
experimenta a Lua  
coloniza a Lua



civiliza a Lua  
humaniza a Lua

2  
Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.

3  
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza  
civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.

4  
Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?

5  
Claro – diz o engenho  
s sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
vê o visto – é isto?  
idem  
idem  
idem.

6  
O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

7  
Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tiver?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:



mas que chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

8  
Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangerousíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond. Nova reunião: 19 livros de poesia – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, pp. 448-450

Ao longo de todo o poema O Homem: As Viagens, o poeta usa exaustivamente como recurso de expressão (estilo) a

- a) adjetivação.
- b) comparação.
- c) repetição.
- d) aliteração.
- e) personificação.

## 24. (FGV – 2017)

O país tenta se recompor

No Brasil, que enfrenta uma das piores recessões de sua história, a cada novo dado econômico que é divulgado, a questão que se coloca é a mesma: melhoramos ou continuamos a piorar? No final de agosto, os indicadores de desempenho do produto interno bruto do segundo trimestre apontaram uma retração de 0,6%, totalizando assim seis semestres consecutivos no vermelho. Da mesma forma, o último balanço do mercado de trabalho mostrou que o desemprego continua a se encorpar. Conclusão: pioramos. Já o índice que mede a produção industrial registrou em julho a quinta alta consecutiva. Para quem observa o



mercado financeiro, com a recente sequência de altas da Bovespa e a valorização do real, a mensagem é de volta da confiança. Nova conclusão: estamos melhorando. A profusão de dados pintando um cenário contraditório apenas confirma que a retomada – por mais que seja desejada – tende a ser difícil e lenta. O que vai ficando claro é que, enquanto grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos, outra parcela – menor, é verdade – começa a se recompor. Trata-se de uma reorganização que, motivada pela crise, deverá redesenhar setores inteiros, determinar novos líderes de mercado e, no longo prazo, tornar a economia brasileira mais competitiva.

(Fabiane Stefano e Flávia Furlan. *Exame*, 14.09.2016. Adaptado)

Há linguagem figurada no trecho

- a) “melhoramos ou continuamos a piorar?”, em que o paradoxo evidencia a falta de perspectiva para a economia brasileira.
- b) “seis semestres consecutivos no vermelho”, em que “vermelho” constitui uma hipérbole que aponta o exagero da queda do PIB.
- c) “pintando um cenário contraditório”, em que o verbo traz uma ironia por meio da qual se questiona a real existência da crise.
- d) “grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos”, em que se personificam os elementos da economia.
- e) “deverá redesenhar setores inteiros”, em que a locução verbal sugere uma ação utópica, considerada a argumentação das autoras.

## 25. (FUVEST – 2016)

Examine este cartum.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:



- a) utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- b) emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- c) representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- d) uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- e) inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

## 26. (UNIFESP – 2016)

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996).

### O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, *shahmat* – *shah* para rei, *mat* para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado *checkmate* (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64o quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões\*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.



Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial no presente. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado vizirmat, não temos o privilégio de saber.

\* 1 quintilhão = 1 000 000 000 000 000 000 = 10<sup>18</sup>. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo). (Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

No artigo, o recurso à ironia está bem exemplificado em:

- a) “O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós.” (4º parágrafo)
- b) “Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo?” (4º parágrafo)
- c) “Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu.” (1º parágrafo)
- d) “Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga.” (1º parágrafo)
- e) “Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.” (3º parágrafo)

## 27. (UNESP – 2016)

Leia o trecho inicial de um poema de Álvaro de Campos, heterônimo do escritor Fernando Pessoa (1888-1935).

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.  
Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,



Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.  
Estou doido a frio,  
Estou lúcido e louco,  
Estou alheio a tudo e igual a todos:  
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura  
Porque não são sonhos.  
Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!  
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!  
Que é do teu menino? Está maluco.  
Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?  
Está maluco.  
Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

*(Obra poética, 1965.)*

A hipérbole é uma figura de palavra que consiste no exagero verbal (para efeito expressivo):  
“já disse mil vezes”, “correram mares de sangue”.

(Celso Pedro Luft. *Abc da língua culta*, 2010. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de hipérbole no seguinte verso:

- a) “Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.” (3ª estrofe)
- b) “Mal sei como conduzir-me na vida” (2ª estrofe)
- c) “Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.” (1ª estrofe)
- d) “Se ao menos endoidecesse deveras!” (2ª estrofe)
- e) “Esta angústia que trago há séculos em mim,” (1ª estrofe)

## 28. (UNIFESP - 2016)

Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580).

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela,  
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
passava, contentando-se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela,  
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso



lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,  
dizendo: “Mais servira, se não fora  
para tão longo amor tão curta a vida”.

(Luís Vaz de Camões. *Sonetos*, 2001.)

Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- a) “mas não servia ao pai, servia a ela,”
- b) “passava, contentando-se com vê-la;”
- c) “para tão longo amor tão curta a vida.”
- d) “porém o pai, usando de cautela,”
- e) “lhe fora assi negada a sua pastora,”

29. (ITA - 2016)

O efeito de humor da tirinha abaixo se deve:



Quino

- a) à postura desobediente de Mafalda diante da mãe.
- b) à resposta autoritária da mãe de Mafalda à pergunta da filha.
- c) ao uso de palavras em negrito e cada vez maior do 2º ao 4º quadrinho.
- d) ao fato de aparecer apenas a fala da mãe de Mafalda e não sua imagem.
- e) aos sentidos atribuídos por Mafalda para as palavras “títulos” e “diplomamos”.

30. (IBMEC - 2016)



Disponível em: <http://www.bocamaldita.com/wp-content/uploads/2015/06/NaniIdeologias.jpg>. Acesso em 02/09/2015

Nessa charge, o recurso utilizado para produzir humor é a

- a) linguagem *nonsense*, apresentando sentidos inconsistentes para as palavras “esquerda” e “direita”.
- b) metaforização do termo “direita”, indicando a inquietação existencial do personagem.
- c) polissemia das palavras “esquerda” e “direita”, com acepções associadas a diferentes campos semânticos.
- d) metalinguagem, traduzindo e revelando os sentidos implícitos do termo “esquerda”.
- e) repetição do termo “direita” como forma de denunciar a opressão política.

31. (FUVEST – 2015)

Capítulo CVII

Bilhete

“Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”

Capítulo CVIII

Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?



## Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

Ao comentar o bilhete de Virgília, o narrador se vale, principalmente, do seguinte recurso retórico:

- a) Hipérbato: transposição ou inversão da ordem natural das palavras de uma oração, para efeito estilístico.
- b) Hipérbole: ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.
- c) Preterição: figura pela qual se finge não querer falar de coisas sobre as quais se está, todavia, falando.
- d) Sinédoque: figura que consiste em tomar a parte pelo todo, o todo pela parte; o gênero pela espécie, a espécie pelo gênero; o singular pelo plural, o plural pelo singular etc.
- e) Eufemismo: palavra, locução ou acepção mais agradável, empregada em lugar de outra menos agradável ou grosseira.

### 32. (IME – 2015 adaptada)

CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:  
— Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br>> Acesso em: 29 Abr 2014.

Ao utilizar a expressão “a Indesejada das gentes”, o autor faz uso da figura de linguagem conhecida como:

- a) hipérbole.
- b) anacoluto.
- c) antítese.
- d) metonímia.
- e) eufemismo.



**33. (FGV - 2015)**

**Argumento** (Paulinho da Viola)

Tá legal  
Eu aceito o argumento  
Mas não me altere o samba tanto assim  
Olha que a rapaziada está sentindo a falta  
De um cavaco, de um pandeiro  
Ou de um tamborim.

Sem preconceito  
Ou mania de passado  
Sem querer ficar do lado  
De quem não quer navegar  
Faça como um velho marinheiro  
Que durante o nevoeiro  
Leva o barco devagar.

Ao empregar, na letra da canção, o verbo “navegar” em sentido metafórico e desdobrar esse sentido nos versos seguintes, o compositor recorre ao seguinte recurso expressivo:

- a) alegoria.
- b) personificação.
- c) hipérbole.
- d) eufemismo.
- e) pleonismo.

**34. (ITA – 2015)**

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

(l. 1) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

(l. 7) O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.



(l. 13) É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancett chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. *In: A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que há metonímia.

- a) gente para o asfalto (l. 6)
- b) plantar cidades (l. 11)
- c) apetite de vida (l. 18)
- d) fazer um mundo (l. 21)
- e) loteria humana (l. 35)

### 35. (FGV – 2015)

Sem aspas na língua

De início, o que me incomodava era o peso desproporcional que as aspas dão à palavra. Se escrevo mouse pad, por exemplo, suscito em seu pensamento apenas o quadradinho discreto que vive ao lado do teclado, objeto não mais notável na economia do cotidiano do que as dobradiças da janela ou o porta-escova de dentes. Já "mouse pad" parece grafado em neon, brilha diante de seus olhos como o luminoso de uma lanchonete americana. Desequilibra.



Tá legal, eu aceito o argumento: não se pode exigir do leitor que saiba outra língua além do português. Se encasqueto em ornar meu texto com "dramblys" ou "haveloos" - termos em lituano e holandês para elefante e mulambento, respectivamente -, as aspas surgem para acalmar quem me lê, como se dissessem: "Queridão, os termos discriminados são coisa doutras terras e doutra gente, nada que você devesse conhecer".

Pois é essa discriminação o que, agora sei, mais me incomoda. Vejo por trás das aspas uma pontinha de xenofobia, como se para circular entre nós a palavra estrangeira precisasse andar com o passaporte aberto, mostrando o carimbo na entrada e na saída.

Ora, por quê? Será que "blackberries" rolando livremente por nossa terra poderiam frutificar e, como ervas daninhas, roubar os nutrientes da graviola, da mangaba e do cajá? "Samplers", sem as barrinhas duplas de proteção, acabariam poluindo o português com "beats" exógenos, condenando-o a uma versão "remix"? Caso recebêssemos "blowjobs" sem o supracitado preservativo gráfico, doenças venéreas se espalhariam por nosso exposto vernáculo?

Bobagem, pessoal. Livremos as nossas frases desses arames farpados, desses cacos de vidro. A língua é viva: quanto mais línguas tocar, mais sabores irá provar e experiências poderá acumular.

Antônio Prata, Folha de S. Paulo, 22/05/2013. Adaptado.

Para caracterizar as aspas indesejadas, o autor se vale de imagens depreciativas, as quais constituem exemplos de

- a) personificação.
- b) eufemismo.
- c) comparação.
- d) metáfora.
- e) sinestesia.

### 36. (IBMEC - 2015)

Sintaxe à vontade

Sem horas e sem dores,  
Respeitável público pagão,  
Bem-vindos ao teatro mágico.

A partir de sempre  
Toda cura pertence a nós.  
Toda resposta e dúvida.  
Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser,  
Todo verbo é livre para ser direto ou indireto.  
Nenhum predicado será prejudicado,  
Nem tampouco a frase, nem a crase, nem a vírgula e ponto final!



Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre vírgulas,  
E estar entre vírgulas pode ser apostro,  
E eu apostro o oposto: que vou cativar a todos,  
Sendo apenas um sujeito simples.  
Um sujeito e sua oração,  
Sua pressa, e sua verdade, sua fé,

Que a regência da paz sirva a todos nós.  
Cegos ou não,  
Que enxerguemos o fato  
De termos acessórios para nossa oração.  
Separados ou adjuntos, nominais ou não,  
Façamos parte do contexto da crônica  
E de todas as capas de edição especial.  
Sejamos também o anúncio da contracapa,  
Pois ser a capa e ser contra a capa  
É a beleza da contradição.  
É negar a si mesmo.  
E negar a si mesmo é muitas vezes  
Encontrar-se com Deus.  
Com o teu Deus.

Sem horas e sem dores,  
Que nesse momento que cada um se encontra aqui e agora,  
Um possa se encontrar no outro,  
E o outro no um...  
Até por que, tem horas que a gente se pergunta:  
Por que é que não se junta  
Tudo numa coisa só?

*(O Teatro Mágico)*

Em “nenhum predicado será prejudicado” e “E eu apostro o oposto”, destaca-se, no plano sonoro, a presença de trocadilhos que caracterizam uma figura de linguagem chamada de

- a) paronomásia
- b) assonância
- c) sinestesia
- d) onomatopeia
- e) perífrase



**37. (FUVEST - 2014)**

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a  
[vidraça do carro\*,

vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,  
com medo de não repararmos suficientemente  
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite come o subúrbio e logo o devolve,

ele reage, luta, se esforça,

até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais  
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

*Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo, 1940.*

(\*) carro: vagão ferroviário para passageiros.

Para a caracterização do subúrbio, o poeta lança mão, principalmente, da(o)

- a) personificação.
- b) paradoxo.
- c) eufemismo.
- d) sinestesia.
- e) silepse.

**38. (IBMEC – 2014)**

Lentes da história

O que aconteceu com o sonho do fim da segregação racial que, há 50 anos, Martin Luther King anunciava para 250 mil pessoas na Marcha sobre Washington? Ele está perto de materializar-se ou continua uma esperança para o futuro?

A resposta depende dos óculos que vestimos. Se apanharmos a lente dos séculos e milênios, a "longue durée" de que falam os historiadores, há motivos para regozijo. A instituição da escravidão, especialmente cruel com os negros, foi abolida de todas as legislações do planeta. É verdade que, na Maurítânia, isso ocorreu apenas em 1981, mas o fato é que essa chaga que acompanhava a humanidade desde o surgimento da agricultura, 11 mil anos atrás, se tornou universalmente ilegal.

Apenas 50 anos atrás, vários Estados americanos tinham leis (Jim Crow laws) que proibiam negros até de frequentar os mesmos espaços que brancos. Na África do Sul, a segregação "de jure" chegou até os anos 90. Hoje, disposições dessa natureza são não só impensáveis como despertam vívida repulsa moral.



Em 2008, numa espécie de clímax, o negro Barack Obama foi eleito presidente dos EUA, o que levou alguns analistas a falar em era pós-racial.

Basta, porém, apanhar a lente das décadas e passear pelos principais indicadores demográficos para verificar que eles ainda carregam as marcas do racismo. Negros continuam significativamente mais pobres e menos instruídos que a média do país. São mandados para a cadeia num ritmo seis vezes maior que o dos brancos. As Jim Crow laws foram declaradas nulas, mas alguns Estados mantêm regras que, na prática, reduzem a participação de negros em eleições.

É um caso clássico de copo meio cheio e meio vazio. Do ponto de vista da "longue durée", estamos bem. Dá até para acreditar em progresso moral da humanidade. Só que não vivemos na escala dos milênios, mas na das décadas, na qual a segregação teima em continuar existindo.

(Hélio Schwartsman, *Folha de S. Paulo*, 28/08/2013)

Para reforçar seu ponto de vista acerca do tema abordado em seu artigo, o jornalista emprega a linguagem conotativa como estratégia persuasiva. Em "*A resposta depende dos óculos que vestimos*", o autor recorre à/ao:

- a) antítese
- b) eufemismo
- c) aliteração
- d) metáfora
- e) paradoxo

### 39. (INSPER – 2014)

Há pleonasmos e pleonasmos. Uns têm a força expressiva que os torna em figuras de linguagem, outros não passam de redundâncias, apêndices desnecessários ao discurso. Estes costumam causar enfado no leitor, que os sente como "obviedades".

(Thaís Nicoleti, <http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/descobrir-o-desconhecido.jhtm>)

Assinale a alternativa que apresenta um exemplo de pleonasma cuja força expressiva cria um efeito estilístico.

- a) "Há um consenso geral de que o problema da bioenergia no Brasil se resume à logística." (Folha de S. Paulo, 06/07/2007)
- b) "Qual o impacto distributivo de tudo isso? É um ótimo tema para encarar de frente" (O Estado de S. Paulo, 13/04/2014)
- c) "A não ser que tenha certeza absoluta, fuja do presente prático." (Walcyr Carrasco)



d) “Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor.”

(Viana Moog)

e) “Prefeitura doa terrenos para atrair investimentos e criar novos empregos”

(<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/paranatv>)

40. (INSPER - 2014)



(Folha de S. Paulo, 13/07/13)

O humor da tirinha constrói-se por meio da

- a) ambiguidade.
- b) paródia.
- c) metalinguagem.
- d) ironia.
- e) inversão de papéis.

41. (INSPER - 2015)

BOLA NAS COSTAS – Levar uma bola nas costas significa ser traído ou ser surpreendido por uma atitude vinda de alguém que merecia sua confiança. Por falar nisso, conta-se que o famoso dicionarista Charles Webster certo dia foi flagrado pela esposa com a secretária no colo. Deu-se então o seguinte diálogo, com viés bem britânico:

- Estou surpresa com sua atitude, meu caro.
- Surpreso estou eu, você deve estar é surpreendida.

Pano rápido, o exigente dicionarista mais que depressa encerrou o assunto.

(Cotrim, Márcio. “Berço da palavra”. Revista Língua, março/2015, p. 62)

O verbete apresenta um tom bem-humorado, visto que

- a) é composto por uma definição e uma ilustração que não apresentam relação de coerência entre si.



- b) o autor inventa um significado para a expressão “bola nas costas”, a qual é específica do jargão esportivo.
- c) ilustra a definição da expressão por meio de um episódio em que o personagem usa a precisão linguística como subterfúgio.
- d) expõe a situação ridícula a que uma pessoa pode se sujeitar com o intuito de preservar um casamento.
- e) a definição é ilustrada com um episódio em que o traidor tenta assumir o papel de vítima por meio de um jogo de palavras.

42. (IBMEC - 2014)



(<http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/tagged/Garfield/page/6>)

Para identificar o efeito de humor dessa tirinha, o leitor deve perceber que

- a) o caráter polissêmico do termo “único” transforma o elogio em uma crítica.
- b) a antítese criada pela dupla ocorrência do termo “único” é responsável pela quebra de expectativa.
- c) na fala do gato, o termo “único” assume um tom de reverência à singularidade de seu dono.
- d) a repetição do termo “único” revela que Garfield imita seu dono com a intenção de irritá-lo.
- e) na segunda ocorrência, o termo “único” expressa a tentativa frustrada de Garfield consolar seu dono.

43. (UNIFESP - 2013)



([www.iturrgarai.com.br](http://www.iturrgarai.com.br))

O efeito de humor da tira advém, dentre outros fatores, da

- a) ironia, verificada na fala da personagem como intenção clara de afirmar o contrário daquilo que está dizendo.
- b) paronomásia, verificada pelo emprego de palavras parecidas na escrita e na pronúncia, à moda de um trocadilho.
- c) metáfora, verificada pelo emprego de termos que podem se cambiar como formas sinônimas no enunciado.
- d) metonímia, verificada pelo emprego de uma palavra em lugar de outra por uma relação de contiguidade.
- e) onomatopeia, verificada pelo recurso à sonoridade das palavras, que atribui outros sentidos ao enunciado.

#### 44. (FGV - 2013)

Leia a charge.



(www.chargeonline.com.br)

A fala da mulher concorre para o efeito de humor da charge, pois contém palavra empregada em sentido ambíguo. Trata-se do termo

- a) NEVES, que pode referir-se a um nome de pessoa ou ao plural de “neve”.
- b) NEVE, que pode ser um substantivo simples, precipitação de gelo, ou um substantivo próprio, marca de papel higiênico.
- c) TÁ, que pode ser o verbo auxiliar da frase ou uma expressão coloquial usada para confirmar uma ideia.
- d) CAINDO, que pode significar precipitação de gelo ou tombo.



e) TÁ, que pode indicar consentimento e aprovação ou expressar impaciência da personagem com seu companheiro.

**45. (UFPR - 2010)**

- Os economistas são entendidos em mercado financeiro.
- Os economistas descreveram os efeitos dos juros.
- Os juros são altos.
- Todos os efeitos são arrasadores.

Assinale a alternativa em que as informações acima foram reunidas adequadamente e sem ambiguidade.

- a) Os economistas que são entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos dos juros altos, que são arrasadores.
- b) Os economistas entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos que são arrasadores dos altos juros.
- c) Entendidos em mercado financeiro, os economistas descreveram os efeitos dos altos juros que são arrasadores.
- d) Em relação aos juros altos, os economistas, entendidos em mercado financeiros, descreveram os efeitos que são arrasadores.
- e) Os economistas, que são entendidos em mercado financeiro, descreveram os efeitos, arrasadores, dos juros, que são altos.



### 3.2 - GABARITO

1. E	16. A	31. C
2. B	17. B	32. E
3. C	18. D	33. A
4. A	19. B	34. A
5. C	20. D	35. D
6. B	21. C	36. A
7. B	22. A	37. A
8. D	23. C	38. D
9. B	24. D	39. D
10. C	25. E	40. B
11. D	26. E	41. C
12. E	27. E	42. A
13. C	28. C	43. B
14. A	29. E	44. B
15. E	30. C	45. E



### 3.3 – EXERCÍCIOS COMENTADOS

#### 1. (UNESP - 2019)

Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (Pequeno comentário). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discricção; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

*(A dança do universo, 2006. Adaptado.)*

Em “Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador” (3º parágrafo), a expressão sublinhada constitui um exemplo de



- a) eufemismo.
- b) pleonasma.
- c) hipérbole.
- d) metonímia.
- e) paradoxo.

**Comentários:** “Revolucionário” e “conservador” são palavras antônimas. Segundo o dicionário Houaiss:

Revolucionário: aquele que é inovador.

Conservador: aquele que rejeita mudanças.

Logo, ser um “revolucionário conservador” é um **paradoxo**, já que é um termo composto por duas palavras opostas.

A alternativa A está incorreta, pois um eufemismo se caracteriza por uma expressão que atenua outra, tornando-a mais agradável. Não é o que ocorre aqui, pois ser um “revolucionário conservador” não ameniza nada.

A alternativa B está incorreta, pois um pleonasma se caracteriza pela repetição desnecessária de ideias e aqui há o oposto: as palavras usadas não possuem significados iguais.

A alternativa C está incorreta, pois a hipérbole se caracteriza pelo exagero e, de acordo com o texto, não há exagero algum em dizer que Copérnico era um revolucionário dado o impacto de suas descobertas.

A alternativa D está incorreta, pois a metonímia se caracteriza pelo uso da “parte pelo todo” e aqui nem “revolucionário” nem “conservador” são partes de nenhum conjunto maior de significados. As palavras estão empregadas segundo aquilo que de fato querem dizer.

**Gabarito: E**

## 2. (UNITAU - 2019)

“Eles olharam um instante as velhas árvores da Quinta Imperial, por onde vinham atravessando. Nunca as tinham contemplado; e, agora, parecia-lhes que jamais tinham pousado os olhos sobre árvores tão soberbas, tão belas, tão tranquilas e seguras de si, como aquelas que espalhavam sob os seus grandes ramos uma vasta sombra, deliciosa e macia. Pareciam que medravam sentindo-se em terra própria, delas, da qual nunca saíam desalojadas a machado, para edificação de casebres; e esse sentimento lhes havia dado muita força de vegetar e uma ampla vontade de se expandirem. O solo sobre o qual cresciam era delas e agradeciam à terra estendendo muito os seus ramos, cerrando e tecendo a folhagem, para dar à boa mãe frescura e proteção contra a inclemência do sol.

As mangueiras eram as mais gratas; os ramos longos e cheios de folhas quase beijavam o chão. As jaqueiras espreguiçavam; os bambus se inclinavam, de um lado e doutro da aleia, e cobriam a terra com uma ogiva verde...”

Triste fim de Policarpo  
quaresma. Lima Barreto.



Quais as figuras de linguagem presentes no fragmento anterior?

- a) Personificação, antítese, silepse.
- b) Personificação, sinestesia, anáfora.
- c) Anáfora, sinestesia, silepse.
- d) Metonímia, hipérbole, eufemismo.
- e) Hipérbole, eufemismo, sinestesia.

**Comentários:** As figuras de linguagem presentes no texto são personificação, sinestesia e anáfora. Veja onde aparece cada uma delas.

Personificação:

- Ocorre quando se atribuem características humanas a seres inanimados ou irracionais.

Ex.: “**árvores** tão **soberbas**, tão belas, tão **tranquilas e seguras de si**”

“O **solo** sobre o qual cresciam era delas e **agradeciam** à terra”

Sinestesia:

- Se caracteriza pela mistura de sensações (audição, olfato, paladar, tato, visão).

Ex.: “espalhavam sob os seus grandes ramos uma **vasta sombra, deliciosa e macia**”

Anáfora:

- Ocorre quando há repetição de termos equivalentes no início das orações ou períodos.

Ex.: “**As mangueiras** eram as mais gratas; **os ramos longos** e cheios de folhas quase beijavam o chão. **As jaqueiras** espreguiçavam; **os bambus** se inclinavam, de um lado e doutro da aleia”

**Gabarito: B**

---

### 3. (Mackenzie - 2019)

<sup>01</sup> — Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; <sup>02</sup> é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. <sup>03</sup> É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e <sup>04</sup> um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social <sup>05</sup> para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada <sup>06</sup> em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de <sup>07</sup> diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, <sup>08</sup> ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; <sup>09</sup> não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, <sup>10</sup> pois não se sabe como inferir sua unidade.

<sup>11</sup> A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de <sup>12</sup> classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos <sup>13</sup> da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que <sup>14</sup> não se presta a nenhuma outra classificação.



<sup>15</sup> A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o <sup>16</sup> exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada <sup>17</sup> pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e <sup>18</sup> convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez <sup>19</sup> de adiantar-se a ele.

Ferdinand de Saussure,  
Curso de linguística geral

Assinale a alternativa correta.

- a) Conotação e figuras de linguagem, como metáfora e personificação, são marcas predominantes da linguagem empregada no texto.
- b) O texto é construído a partir da exploração destacada das comparações, que permitem apreender os interesses argumentativos do autor.
- c) Linguagem denotativa, em tom de efeito objetivo, caracteriza a construção textual.
- d) A subjetividade marcadamente presente no texto é resultante da exploração conotativa de expressões indiciais da 1ª. pessoa do singular.
- e) O recurso a diferentes referências a outros teóricos da área em discussão faz com que o texto possa ser caracterizado como um embate teórico de ideias.

**Comentários:** Esse trecho é um texto didático, ou seja, se propõe a passar uma informação de forma clara e objetiva. Assim, a alternativa correta é “Linguagem denotativa, em tom de efeito objetivo, caracteriza a construção textual”, alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois apesar do trecho inicial com a presença de metáfora, “o cavaleiro de diferentes domínios”, a predominância é do tom objetivo.

A alternativa B está incorreta, pois não há comparação ao longo de todo o texto. Primeiro há um parágrafo explicando o que é a linguagem e o seguinte explicando o que é a língua.

A alternativa D está incorreta, pois o uso no texto é da primeira pessoa do plural (ex.: “para nós”).

A alternativa E está incorreta, pois não há referência a outros teóricos da área nesse trecho do texto.

**Gabarito: C**

#### 4. (IFBA - 2019)

##### MARIA

<sup>1</sup> Maria estava parada há mais de meia hora <sup>2</sup> no ponto de ônibus. Estava cansada de <sup>3</sup> esperar. Se a distância fosse menor, teria <sup>4</sup> ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando <sup>5</sup> com a caminhada. Os ônibus estavam <sup>6</sup> aumentando tanto! Além do cansaço, <sup>7</sup> a sacola estava pesada. No dia anterior, <sup>8</sup> no domingo, havia tido festa na casa da <sup>9</sup> patroa. Ela levava para casa os restos. <sup>10</sup> O osso do pernil e as frutas que tinham <sup>11</sup> enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e <sup>12</sup> uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. <sup>13</sup> Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta <sup>14</sup> chegara numa hora boa. Os dois filhos <sup>15</sup> menores estavam muito gripados. Precisava <sup>16</sup> comprar xarope e aquele remedinho <sup>17</sup> de desentupir o nariz. Daria para comprar <sup>18</sup> também uma lata de Toddy. As frutas estavam <sup>19</sup> ótimas e havia melão. As crianças <sup>20</sup> nunca tinham comido melão. Será que os <sup>21</sup> meninos gostavam de melão?



<sup>22</sup> A palma de umas de suas mãos doía. <sup>23</sup> Tinha sofrido um corte, bem no meio, <sup>24</sup> enquanto cortava o pernil para a patroa. <sup>25</sup> Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

<sup>26</sup> Quando o ônibus apontou lá na esquina, <sup>27</sup> Maria abaixou o corpo, pegando a sacola <sup>28</sup> que estava no chão entre as suas pernas. <sup>29</sup> O ônibus não estava cheio, havia lugares. <sup>30</sup> Ela poderia descansar um pouco, <sup>31</sup> cochilar até a hora da descida. Ao entrar, <sup>32</sup> um homem levantou lá de trás, do último <sup>33</sup> banco, fazendo um sinal para o trocador. <sup>34</sup> Passou em silêncio, pagando a passagem <sup>35</sup> dele e de Maria. Ela reconheceu o <sup>36</sup> homem. Quanto tempo, que saudades! <sup>37</sup> Como era difícil continuar a vida sem ele. <sup>38</sup> Maria sentou-se na frente. O homem assentou- <sup>39</sup> se ao lado dela. Ela se lembrou <sup>40</sup> do passado. Do homem deitado com ela. <sup>41</sup> Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros <sup>42</sup> enjoos. Da barriga enorme que todos <sup>43</sup> diziam gêmeos, e da alegria dele. Que <sup>44</sup> bom! Nasceu! Era um menino! E haveria <sup>45</sup> de se tornar um homem. Maria viu, sem <sup>46</sup> olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava <sup>47</sup> o mesmo. Bonito, grande, o olhar <sup>48</sup> assustado não se fixando em nada e em <sup>49</sup> ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por <sup>50</sup> que não podia ser de outra forma? Por <sup>51</sup> que não podiam ser felizes? E o menino, <sup>52</sup> Maria? Como vai o menino? cochichou o <sup>53</sup> homem. Sabe que sinto falta de vocês? <sup>54</sup> Tenho um buraco no peito, tamanha a <sup>55</sup> saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não <sup>56</sup> quis mais ninguém. Você já teve outros... <sup>57</sup> outros filhos? A mulher baixou os olhos <sup>58</sup> como que pedindo perdão. É. Ela teve <sup>59</sup> mais dois filhos, mas não tinha ninguém <sup>60</sup> também! Homens também? Eles haveriam <sup>61</sup> de ter outra vida. Com eles tudo haveria <sup>62</sup> de ser diferente. Maria, não te esqueci! <sup>63</sup> Tá tudo aqui no buraco do peito...

<sup>64</sup> O homem falava, mas continuava estático, <sup>65</sup> preso, fixo no banco. Cochichava <sup>66</sup> com Maria as palavras, sem entretanto <sup>67</sup> virar para o lado dela. Ela sabia o que <sup>68</sup> o homem dizia. Ele estava dizendo de <sup>69</sup> dor, de prazer, de alegria, de filho, de <sup>70</sup> vida, de morte, de despedida. Do buraco- <sup>71</sup> saudade no peito dele... Desta vez <sup>72</sup> ele cochichou um pouquinho mais alto. <sup>73</sup> Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a <sup>74</sup> fala dele: um abraço, um beijo, um carinho <sup>75</sup> no filho. E logo após, levantou rápido <sup>76</sup> sacando a arma. Outro lá atrás gritou <sup>77</sup> que era um assalto. Maria estava com <sup>78</sup> muito medo. Não dos assaltantes. Não <sup>79</sup> da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. <sup>80</sup> O mais velho, com onze anos, era filho <sup>81</sup> daquele homem que estava ali na frente <sup>82</sup> com uma arma na mão. O de lá de <sup>83</sup> trás vinha recolhendo tudo. O motorista <sup>84</sup> seguia a viagem. Havia o silêncio de todos <sup>85</sup> no ônibus. Apenas a voz do outro <sup>86</sup> se ouvia pedindo aos passageiros que <sup>87</sup> entregassem tudo rapidamente. O medo <sup>88</sup> da vida em Maria ia aumentando. Meu <sup>89</sup> Deus, como seria a vida dos seus filhos? <sup>90</sup> Era a primeira vez que ela via um assalto <sup>91</sup> no ônibus. Imaginava o terror das <sup>92</sup> pessoas. O comparsa de seu ex-homem <sup>93</sup> passou por ela e não pediu nada. Se <sup>94</sup> fossem outros os assaltantes? Ela teria <sup>95</sup> para dar uma sacola de frutas, um osso <sup>96</sup> de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. <sup>97</sup> Não tinha relógio algum no braço. Nas <sup>98</sup> mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas <sup>99</sup> mãos tinha sim! Tinha um profundo corte <sup>100</sup> feito com faca-laser que parecia cortar <sup>101</sup> até a vida. <sup>102</sup> Os assaltantes desceram rápido. Maria <sup>103</sup> olhou saudosa e desesperada para o <sup>104</sup> primeiro.

<sup>105</sup> Foi quando uma voz acordou a coragem <sup>106</sup> dos demais. Alguém gritou que aquela <sup>107</sup> puta safada conhecia os assaltantes. Maria <sup>108</sup> assustou-se. Ela não conhecia assaltante <sup>109</sup> algum. Conhecia o pai do seu primeiro <sup>110</sup> filho. Conhecia o homem que tinha <sup>111</sup> sido dela e que ela ainda amava tanto. <sup>112</sup> Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que* <sup>113</sup> *estava de coleio com os dois.* Outra voz <sup>114</sup> ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: <sup>115</sup> *Calma, gente! Se ela estivesse junto com* <sup>116</sup> *eles, teria descido também.* Alguém argumentou <sup>117</sup> que ela não tinha



descido só para <sup>118</sup> disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. <sup>119</sup> Foi a única a não ser assaltada. *Mentira,* <sup>120</sup> *eu não fui e não sei porquê.* Maria olhou <sup>121</sup> na direção de onde vinha a voz e viu um <sup>122</sup> rapazinho negro e magro, com feições de <sup>123</sup> menino e que relembra vagamente o <sup>124</sup> seu filho. A primeira voz, a que acordou <sup>125</sup> a coragem de todos, tornou-se um grito: <sup>126</sup> *Aquela puta, aquela negra safada estava* <sup>127</sup> *com os ladrões!* O dono da voz levantou <sup>128</sup> e se encaminhou em direção à Maria. A <sup>129</sup> mulher teve medo e raiva. Que merda! <sup>130</sup> Não conhecia assaltante algum. Não devia <sup>131</sup> satisfação a ninguém. *Olha só, a negra* <sup>132</sup> *ainda é atrevida,* disse o homem, lascando <sup>133</sup> um tapa no rosto da mulher. Alguém <sup>134</sup> gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros <sup>135</sup> desceram e outros voaram em <sup>136</sup> direção à Maria. O motorista tinha parado <sup>137</sup> o ônibus para defender a passageira: Calma, <sup>138</sup> pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço <sup>139</sup> esta mulher de vista. Todos os dias, <sup>140</sup> mais ou menos neste horário, ela toma o <sup>141</sup> ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da <sup>142</sup> luta para sustentar os filhos...

<sup>143</sup> *Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue <sup>144</sup> pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. <sup>145</sup> A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam <sup>146</sup> pelo chão. Será que os meninos <sup>147</sup> gostam de melão? <sup>148</sup> Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha <sup>149</sup> saudades do seu ex-homem. Por que estavam <sup>150</sup> fazendo isto com ela? O homem havia <sup>151</sup> segredado um abraço, um beijo, um carinho <sup>152</sup> no filho. Ela precisava chegar em casa <sup>153</sup> para transmitir o recado. Estavam todos <sup>154</sup> armados com facas-laser que cortam até <sup>155</sup> a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando <sup>156</sup> chegou a polícia, o corpo da mulher já estava <sup>157</sup> todo dilacerado, todo pisoteado. <sup>158</sup> Maria queria tanto dizer ao filho que o pai <sup>159</sup> havia mandado um abraço, um beijo, um <sup>160</sup> carinho.

*EVARISTO, Conceição. Olhos d' água. Rio de Janeiro:Ed. Pallas,2014, p.39-42.*

“A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!” (Refs. 23-25)

“Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado”.  
(Refs. 153-157)

Sobre os trechos acima podemos afirmar:

- Ocorre uma metáfora em “Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida”.
- Ocorre uma catacrese em “Tinha sofrido um corte”.
- Há a presença da figura de palavra: antítese.
- Ocorre uma onomatopeia em “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado”.
- Apresenta uma comparação em “Estavam todos armados com facas-laser”.

**Comentário:** A expressão “corta até a vida” é metafórica. Quer dizer que a faca a laser é muito poderosa, capaz de cortar tudo, inclusive a própria vida. Os homens não estão munidos de facas-



laser no ônibus. A sensação da personagem é de que ela está sofrendo cortes tão profundos quanto aquele que sofrera com a faca-laser da patroa. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a catacrese ocorre quando transfere-se a uma palavra o sentido de outra pela semelhança de significado entre elas, como em “Pé da cama” e isso não ocorre aqui.

A alternativa C está incorreta, pois a antítese ocorre quando há a presença de termos de sentidos opostos numa mesma oração e isso não ocorre aqui.

A alternativa D está incorreta, pois a onomatopeia ocorre quando há a o emprego de palavras que imitam sons ou ruídos e isso não ocorre aqui.

A alternativa E está incorreta, pois a comparação ocorre quando se estabelece confronto entre dois termos a partir do que eles têm de semelhante e isso não ocorre aqui.

### **Gabarito: A**

#### **5. (UERJ - 2019)**

##### Soneto da hora final

Será assim, amiga: um certo dia  
Estando nós a contemplar o poente  
<sup>3</sup>Sentiremos no rosto, de repente  
O beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente  
<sup>6</sup>E eu te olharei também, com nostalgia  
E partiremos, tontos de poesia  
Para a porta de treva aberta em frente.

<sup>9</sup>Ao transpor as fronteiras do Segredo  
Eu, calmo, te direi: – Não tenhas medo  
E tu, tranquila, me dirás: – Sê forte.

<sup>12</sup>E como dois antigos namorados  
Noturnamente tristes e enlaçados  
Nós entraremos nos jardins da morte.

No poema, há diversas referências metafóricas à morte, como exemplifica o seguinte verso:

- a) Estando nós a contemplar o poente (v. 2)
- b) E eu te olharei também, com nostalgia (v. 6)
- c) Ao transpor as fronteiras do Segredo (v. 9)
- d) E como dois antigos namorados (v. 12)

**Comentários:** Algumas expressões podem ser consideradas metáforas para a morte:

“O beijo leve de uma aragem fria”

“a porta de treva aberta em frente”



“as fronteiras do Segredo”

**ATENÇÃO:** “hora final” parece mais um eufemismo para morte do que uma construção metafórica.

A alternativa correta é, portanto, alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “poente” não significa a morte, mas sim o momento anterior a ela. Uma metáfora para morte nesse campo de referências seria “após o sol se pôr”.

A alternativa B está incorreta, pois aqui não há referência metafórica, apenas a descrição do modo como o eu-lírico observa sua amada.

A alternativa D está incorreta, pois aqui não há referência metafórica, apenas a descrição do modo como o eu-lírico e a amada se sentem em relação um ao outro.

**Gabarito: C**

---

## 6. (FAMEMA - 2019)

Leia o poema “Namorados” de Manuel Bandeira (1886-1968).

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

– Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com  
[a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

– Você não sabe quando a gente é criança e de repente  
[vê uma lagarta listada?

A moça se lembrava:

– A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

– Antônia, você parece uma lagarta listada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

*(Estrela da vida inteira, 2009.)*

Verifica-se a ocorrência de personificação no seguinte verso:

- “A moça olhou de lado e esperou.”
- “A meninice brincou de novo nos olhos dela.”



- c) “– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.”
- d) “A moça arregalou os olhos, fez exclamações.”
- e) “– Antônia, você parece uma lagarta listada.”

**Comentários:** A personificação é uma figura de linguagem que ocorre quando se atribuem características humanas a seres inanimados ou irracionais. Aqui, ela aparece em “A menina brincou de novo nos olhos dela”. “meninice” é um comportamento e “olhos” é uma parte do corpo. Nenhum dos dois termos têm a capacidade de executar uma ação como “brincar”. Assim a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois esse trecho apenas descreve as ações da moça, sem a presença de figuras de linguagem.

A alternativa C está incorreta, pois esse trecho apenas descreve a percepção do rapaz sobre a moça, sem a presença de figuras de linguagem.

A alternativa D está incorreta, pois esse trecho apenas descreve as ações da moça, sem a presença de figuras de linguagem.

A alternativa E está incorreta, pois esse trecho apresenta uma comparação, não uma personificação.

**Gabarito: B**

## 7. (IFAL - 2019)

<sup>01</sup> Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, <sup>02</sup> era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

<sup>03</sup> - Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a <sup>04</sup> verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

<sup>05</sup> Ele foi simples:

<sup>06</sup> - Sim, já beijei antes uma mulher.

<sup>07</sup> - Quem era ela? – perguntou com dor.

<sup>08</sup> Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

<sup>09</sup> O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em <sup>10</sup> algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e <sup>11</sup> sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir – era tão bom. <sup>12</sup> A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

<sup>13</sup> E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, <sup>14</sup> rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! Como deixava a garganta seca.

<sup>15</sup> E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca <sup>16</sup> ardente engolia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, não tirava a sede. Uma <sup>17</sup> sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

<sup>18</sup> A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio-dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo <sup>19</sup> nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.



<sup>20</sup> E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por <sup>21</sup> instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, talvez horas, <sup>22</sup> enquanto sua sede era de anos.

<sup>23</sup> Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e <sup>24</sup> seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, <sup>25</sup> farejando. [...]

*LISPECTOR, Clarice. O primeiro beijo. In: Felicidade Clandestina. Rocco: Rio de Janeiro, 1998.*

Como se pode perceber, o conto literário, de Clarice Lispector, contém passagens dialogais. Numa delas, o interlocutor 2 utiliza a seguinte estrutura sintática para responder a uma pergunta: “- Sim, já beijei antes uma mulher” (Ref. 6). Assim, há uma inversão de termos, o que pode se configurar como a figura de sintaxe.

- a) silepse
- b) hipérbato
- c) eufemismo
- d) elipse
- e) anáfora

**Comentários:** A figura de sintaxe que pode ser definida pela inversão de termos é o hipérbato. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a silepse acontece quando a concordância entre os termos se dá pelo sentido, pelas ideias, e não pela gramática, e não há problemas de concordância na oração destacada.

A alternativa C está incorreta, pois eufemismo ocorre quando se utilizam palavras ou expressões no lugar de outras a fim de suavizar seu significado, e o interlocutor não suaviza nenhuma informação nessa frase.

A alternativa D está incorreta, pois elipse ocorre quando há omissão de um termo ou palavra sem prejuízo de sentido e o autor apenas mudou a ordem dos termos da oração, sem suprimir.

A alternativa E está incorreta, pois a anáfora ocorre quando há repetição de termos no início das orações ou períodos, e aqui há apenas uma oração em questão.

**Gabarito: B**

## 8. (UECE - 2019)

[...]

<sup>116</sup> Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, <sup>117</sup> cercava a criaturinha. Silêncio completo, <sup>118</sup> nenhum sinal de vida nos arredores. O galo <sup>119</sup> velho não cantava no poleiro, nem Fabiano <sup>120</sup> roncava na cama de varas. Estes sons não <sup>121</sup> interessavam Baleia, mas quando o galo <sup>122</sup> batia as asas e Fabiano se virava, <sup>123</sup> emanções familiares revelavam-lhe a <sup>124</sup> presença deles. Agora parecia que a <sup>125</sup> fazenda se tinha despovoado.



<sup>126</sup> Baleia respirava depressa, a boca aberta, os <sup>127</sup> queixos desgovernados, a língua pendente <sup>128</sup> e insensível. Não sabia o que tinha <sup>129</sup> sucedido. O estrondo, a pancada que <sup>130</sup> recebera no quarto e a viagem difícil no <sup>131</sup> barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no <sup>132</sup> seu espírito.

<sup>133</sup> Provavelmente estava na cozinha, entre as <sup>134</sup> pedras que serviam de trempe. Antes de se <sup>135</sup> deitar, sinhá Vitória retirava dali os carvões <sup>136</sup> e a cinza, varria com um molho de <sup>137</sup> vassourinha o chão queimado, e aquilo <sup>138</sup> ficava um bom lugar para cachorro <sup>139</sup> descansar. O calor afugentava as pulgas, a <sup>140</sup> terra se amaciava. E, findos os cochilos, <sup>141</sup> numerosos preás corriam e saltavam, um <sup>142</sup> formigueiro de preás invadia a cozinha.

<sup>143</sup> A tremura subia, deixava a barriga e <sup>144</sup> chegava ao peito de Baleia. Do outro peito <sup>145</sup> para trás era tudo insensibilidade e <sup>146</sup> esquecimento. Mas o resto do corpo se <sup>147</sup> arrepiava, espinhos de mandacaru <sup>148</sup> penetravam na carne meio comida pela <sup>149</sup> doença.

<sup>150</sup> Baleia encostava a cabecinha fatigada na <sup>151</sup> pedra. A pedra estava fria, certamente <sup>152</sup> sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se <sup>153</sup> muito cedo.

<sup>154</sup> Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num <sup>155</sup> mundo cheio de preás. E lamperia as mãos <sup>156</sup> de Fabiano, um Fabiano enorme. As <sup>157</sup> crianças se espojariam com ela, rolariam <sup>158</sup> com ela num pátio enorme, num chiqueiro <sup>159</sup> enorme. O mundo ficaria todo cheio de <sup>160</sup> preás, gordos, enormes.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*, 82ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2001. p. 85-91.

Ao utilizar o termo **dormir** no enunciado “Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás” (Refs. 154-155), o escritor cria

- a) um sinônimo para o termo descansar.
- b) um antônimo para criar o sentido contrário ao de morte.
- c) uma metáfora para corresponder, por analogia, ao sentido de vida sobrenatural.
- d) um eufemismo para suavizar traços semânticos negativos do termo morrer.

**Comentários:** O verbo “dormir” é frequentemente associado à ideia de morte. Expressões como “sono eterno” são comuns para referir-se à morte de maneira mais atenuada, com menos negatividade, fazendo usos de eufemismos. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois, nesse caso, Baleia não está bem de saúde. Ela não quer descansar, mas sim parar de sentir-se mal na morte.

A alternativa B está incorreta, pois aqui há a criação de um sinônimo para morte, não antônimo.

A alternativa C está incorreta, pois o sobrenatural aparece na ideia de paraíso de Baleia, o “mundo cheio de preás”, não no “dormir”.

**Gabarito: D**

## 9. (UECE - 2019)

Comida

Titãs



- 84 Bebida é água  
85 Comida é pasto  
86 Você tem sede de quê?  
87 Você tem fome de quê?
- 88 A gente não quer só comida  
89 A gente quer comida, diversão e arte  
90 A gente não quer só comida  
91 A gente quer saída para qualquer parte
- 92 A gente não quer só comida  
93 A gente quer bebida, diversão, balé  
94 A gente não quer só comida  
95 A gente quer a vida como a vida quer
- 96 Bebida é água  
97 Comida é pasto  
98 Você tem sede de quê?  
99 Você tem fome de quê?
- 100 A gente não quer só comer  
101 A gente quer comer e quer fazer amor  
102 A gente não quer só comer  
103 A gente quer prazer pra aliviar a dor
- 104 A gente não quer só dinheiro  
105 A gente quer dinheiro e felicidade  
106 A gente não quer só dinheiro  
107 A gente quer inteiro e não pela metade
- 108 Diversão e arte  
109 para qualquer parte  
110 diversão, balé  
111 como a vida quer...  
112 Desejo, necessidade, vontade  
113 necessidade, desejo  
114 necessidade, vontade  
115 necessidade!

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

Ao utilizar a palavra *pasto* no verso “Comida é pasto” (Ref. 85), a canção empregou a figura de linguagem

- a) antítese, porque busca uma definição de comida que contraponha o termo *pasto*, referente à comida do gado, ao termo alimento, relacionado à refeição do ser humano.
- b) metáfora, em virtude da comparação entre as palavras *pasto* e alimento que apresentam semelhança de sentido: ambas têm o propósito de saciar a fome.
- c) hipérbole, por querer reforçar, de forma exagerada, na definição de comida, a ideia de que a vontade do homem faminto é a de se saciar, de forma instintiva, como certos animais que se alimentam de *pasto*.
- d) eufemismo, pois, ao definir o conceito de comida, a intenção é a de tornar mais amena a utilização da palavra *pasto* por outro termo de expressividade mais forte e agressiva.

**Comentários:** A oração “comida é pasto” associa duas referências diferentes, tratando-a como iguais, criando uma metáfora. Dizer que comida é *pasto* significa dizer que comida é o que há de mais básico, o trivial, indicando que o ser humano precisa de muito mais do que apenas comida. A comida serve apenas para matar a fome de maneira física. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a antítese ocorre quando a construção conta com termos opostos na mesma oração, e comida e *pasto* não são opostos.



A alternativa C está incorreta, pois não há exagero na construção. O autor apenas coloca os dois termos como equivalentes devido a seu objetivo: simplesmente alimentar o corpo.

A alternativa D está incorreta, pois a palavra pasto não é dotada de agressividade nesse caso, não sendo necessário o uso de eufemismos.

**Gabarito: B**

---

**10. (IME – 2019 adaptada)**

Leia o trecho do poema “O Elefante”, de Carlos Drummond de Andrade:

“e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,”

A figura de linguagem construída a partir de uma relação entre os campos semânticos evocados pelo título do poema e de seus versos acima destacados é a (o)

- a) ambiguidade.
- b) apóstrofe.
- c) antítese.
- d) eufemismo.
- e) metonímia.

**Comentários:** Um elefante é um animal de grandes dimensões, forte. Porém, nesse trecho, o poeta descreve que seu elefante é feito de materiais suaves e delicados. Por isso, constrói-se uma relação antitética. A alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois não há palavras com mais de uma possibilidade de significado nesta construção em especial.

A alternativa B está incorreta, pois não há nenhum chamamento no trecho.

**ATENÇÃO:** Apóstrofe é uma figura de linguagem que caracteriza o chamamento, semelhante ao vocativo. Ex.: **Ó Deus**, me ajude!

A alternativa D está incorreta, pois não há a atenuação de nenhuma expressão no trecho.

A alternativa E está incorreta, pois não há o recurso de expressar a parte pelo todo neste trecho.

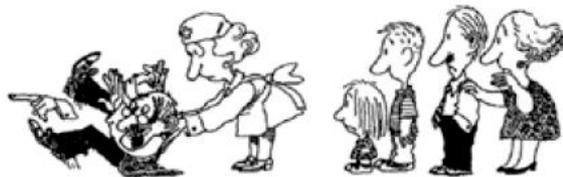
**Gabarito: C**

---

**11. (Fac. Israelita de Ciênc. da S. Albert Einstein - 2019)**

Examine a tira do cartunista Quino.





VOVÔ ERA UM CASO PATOLÓGICO. VIVIA ATERRORIZADO POR HORRENDOS FANTASMAS QUE O PERSEGUIAM VINDOS DO PASSADO.



UM DIA CONSEGUIMOS CONVENCÊ-LO A QUE OLHASSE, JUNTO CONOSCO, PARA O FUTURO.



DESDE ENTÃO, TODA A FAMÍLIA SOMOS UM CASO PATOLÓGICO. VIVEMOS ATERRORIZADOS POR HORRENDOS FANTASMAS QUE NOS ESPERAM NO FUTURO.

(*Que presente inapresentável!*, 2010. Adaptado.)

Silepse é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o sentido, com a ideia que elas expressam. A silepse é, pois, uma concordância mental.

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013.)

Verifica-se a ocorrência de silepse

- a) no primeiro quadrinho, apenas.
- b) no segundo quadrinho, apenas.
- c) no primeiro e no segundo quadrinhos.
- d) no terceiro quadrinho, apenas.
- e) no segundo e no terceiro quadrinhos.

**Comentários:** A silepse acontece apenas no terceiro quadrinho. “Toda família” é feminino e singular. Porém, a pessoa que fala na tirinha faz parte da família. Assim, por se incluir no grupo, ela utiliza a 1ª pessoa do plural, “nós”: “Vivemos aterrorizados por horrendos fantasmas”. A alternativa correta é alternativa D.

No primeiro quadrinho não ocorre silepse, pois a concordância toda se pauta na terceira pessoa do singular, “ele”, vovô.

No segundo quadrinho não ocorre silepse, pois as concordâncias estão todas de acordo com a norma padrão.



## Gabarito: D

### 12. (UNESP - 2018)

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

**(Contos: uma antologia, 1998.)**



A perspectiva do narrador diante das situações e dos fatos relacionados à escravidão é marcada, sobretudo,

- a) pelo saudosismo.
- b) pela indiferença.
- c) pela indignação.
- d) pelo entusiasmo.
- e) pela ironia.

**Comentários:** No trecho do conto “Pai contra mãe” apresentado, o narrador relata práticas e situações referentes ao período da escravidão de maneira irônica. Em trechos como “Eram muitos [escravos], e nem todos gostavam da escravidão”, “Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada” ou “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais” há a presença da ironia. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois ele não afirma sentir saudade da escravidão, mas sim apresenta com ironia os hábitos da época: tortura até era algo bom, porque pelo menos as pessoas não bebiam. Isso não expressa uma opinião verdadeira.

A alternativa B está incorreta, pois ele usa diversos adjetivos para caracterizar as práticas da época da escravidão, demonstrando que não sente indiferença.

A alternativa C está incorreta, pois ao mesmo tempo que denuncia os acontecimentos, não faz elucubrações indignadas sobre o assunto. O texto não expõe diretamente sua indignação.

A alternativa D está incorreta, pois ele não demonstra entusiasmo quanto às práticas da escravidão.

**Gabarito: E**

### 13. (UNESP - 2018)

Em um trecho do “Sermão da Sexagésima”, Antônio Vieira critica o chamado estilo cultista de alguns oradores sacros de sua época nos seguintes termos: “Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário?”

Palavras “em fronteira com o seu contrário”, contudo, também foram empregadas por Vieira, conforme se verifica na expressão destacada em:

- a) “Navegava Alexandre [Magno] em uma **poderosa armada** pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia” (1º parágrafo)
- b) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais **alta esfera**” (3o parágrafo)
- c) “Saibam estes **eloquentes mudos** que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem” (2º parágrafo)
- d) “Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um **filósofo estoico** se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero” (2º parágrafo)



e) “Os **outros ladrões** roubam um homem, estes roubam cidades e reinos” (3º parágrafo)

**Comentários:** Para responder a essa questão você deve primeiro interpretar o que a expressão significa. “em fronteiras com o seu contrário” significa estar perto de algo que é oposto. Isso pode ser a definição de uma antítese ou de um paradoxo. Você deve procurar, portanto, uma alternativa que apresente uma das duas figuras de linguagem. A única alternativa que apresenta uma dessas figuras é a alternativa C, pois **eloquentes mudos** é um paradoxo: eloquente é alguém que tem facilidade de falar e mudo é alguém que não consegue falar.

A alternativa A está incorreta, pois “poderosa armada” não é uma figura de linguagem que une opostos, mas sim uma inversão o adjetivo, que se apresenta antes do substantivo. A ordem direta seria “armada poderosa”

A alternativa B está incorreta, pois, assim como na alternativa A, não há aproximação de opostos em “alta” e “esfera”. “alta” é uma característica de “esfera”.

A alternativa D está incorreta, pois “estoico” é um filósofo que se filia à escola filosófica do estoicismo. Portanto, não é um elemento oposto a “filósofo”, mas sim uma característica.

A alternativa E está incorreta, pois “outros” é uma característica de ladrões, que identifica quem são essas pessoas. Não há ideia de oposição aqui.

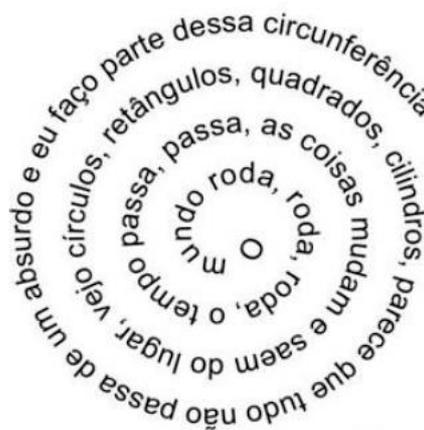
**Gabarito: C**

#### 14. (UEG - 2018)

Observe a imagem e leia o poema a seguir.



YAYOKI KUSAMA. Dots obsession (Obsessão dos pontos – tradução livre). 1998 Instalação – 600 X 600 X300 cm Fonte: COUTURIER, Élisabeth. Art contemporain. Le guide. Paris: Flammarion, s.d. p.60.



PEREIRA, C. Disponível em: <[http://1.bp.blogspot.com/\\_p6aURW6N4ik/Ssvzu47gU7I/AAAAAAAAACE/68mw5hykZTM/s320/POEMA03.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_p6aURW6N4ik/Ssvzu47gU7I/AAAAAAAAACE/68mw5hykZTM/s320/POEMA03.jpg)>. Acesso em: 23 ago. 2017.

A leitura, tanto da imagem quanto do poema apresentados, metaforiza o caráter

- a) recorrente da existência humana.
- b) efêmero das paixões humanas.
- c) linear de tudo que compõe a vida.
- d) duradouro das coisas e da vida.



e) moroso dos entusiasmos existenciais.

**Comentários:** A recorrência da existência humana está metaforizada na imagem pela repetição das formas circulares e, no poema, pelo aspecto visual espiralado, dando voltas no mesmo centro, tal qual a vida do eu lírico, que afirma fazer “parte dessa circunferência”. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a imagem é marcada pela repetição de uma forma geométrica; não há, portanto, referência às paixões humanas, tampouco a seu caráter transitório.

Alternativa C está incorreta, pois o poema remete, metaforicamente, à forma espiralada da vida, ou seja, circular e recorrente, e não linear.

A alternativa D está incorreta, pois o eu lírico afirma que “o mundo roda, roda”; metaforicamente, não há o aspecto duradouro das coisas e da vida.

A alternativa E está incorreta, pois “moroso” significa lento, vagaroso. A ideia de lentidão não está contida nas formas repetidas.

**Gabarito: A**

---

### 15. (UNESP - 2018)

Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões a seguir:

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

(Poemas escolhidos, 2010.)

A figura de linguagem mais recorrente nesse soneto é

a) a hipérbole.

b) a ironia.



- c) o eufemismo.
- d) a sinestesia.
- e) a antítese.

**Comentários:** A figura de linguagem mais recorrente nesse soneto é a antítese. Ela pode ser verificada em uma série de pares ao longo do poema: “nasce / não dura” (v. 01); “luz / escura” (v. 02); “tristezas / alegrias” (v. 04); etc. Assim, é a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois hipérbole significa o uso de uma expressão exagerada, claramente simbólica. Não há no poema o uso dessa figura de linguagem.

A alternativa B está incorreta, pois “ironia” sequer é uma figura de linguagem, mas sim um efeito de texto.

A alternativa C está incorreta, pois o eufemismo ocorre quando se utilizam palavras ou expressões no lugar de outras a fim de suavizar seu significado. Não há no poema nenhuma expressão que busque suavizar o sentido.

A alternativa D está incorreta, pois a sinestesia ocorre quando há mistura de sensações numa mesma expressão. Isso não ocorre no poema.

**Gabarito: E**

## 16. (UEL - 2018)

<sup>1</sup> O velho adormeceu, a mulher sentou-se à porta. Na sombra do seu descanso viu o sol vazar, lento rei n<sup>2</sup> das luzes. Pensou no dia e riu-se dos contrários: ela, cujo nascimento faltara nas datas, tinha já o seu fim <sup>3</sup> marcado. Quando a lua começou a acender as árvores do mato ela inclinou-se e adormeceu. Sonhou dali <sup>4</sup> para muito longe: vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos, os olhos a <sup>5</sup> escorregarem no verde. O velho estava no centro, gravatado, contando as histórias, mentira quase todas. <sup>6</sup> Estavam ali os todos, os filhos e os netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela <sup>7</sup> roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos, todos tinham sempre razão, nenhuma mãe abria a sua <sup>8</sup> carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele <sup>9</sup> sonho, pediu com tanta devoção como pedira à vida que não lhe roubasse os filhos. <sup>10</sup> Procurou na penumbra o braço do marido para acrescentar força naquela tremura que sentia. Quando a <sup>11</sup> sua mão encontrou o corpo do companheiro viu que estava frio, tão frio que parecia que, desta vez, ele <sup>12</sup> adormecera longe dessa fogueira que ninguém nunca acendera.

(Adaptado de: COUTO, Mia. A fogueira. In: *Vozes anoitecidas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2013. p. 25).

Acerca das figuras de linguagem usadas no trecho, assinale a alternativa correta.

- a) Há metáfora em “a vida a continuar-se, grávida de promessas”, revelando o desejo e o ânimo para a sobrevivência.
- b) Há personificação em “a lua começou a acender as árvores”, pois as árvores já estavam iluminadas pelo sol.



- c) Ocorre antítese no trecho “riu-se dos contrários” pela indicação de ideias opostas em evidência.
- d) Ocorre ironia em “Naquela roda feliz”, pois os presentes já estavam consternados pela morte do familiar.
- e) Há eufemismo em “cujo nascimento faltara nas datas”, indicando a morte iminente da personagem.

**Comentários:** A alternativa que apresenta correspondência correta entre o exemplo e a figura de linguagem é metáfora em “a vida a continuar-se, grávida de promessas”, revelando o desejo e o ânimo para a sobrevivência. Estar “grávida de promessas” significa gestar promessas, criar esperanças e expectativas para o futuro. É uma metáfora para o desejo de manter as esperanças no futuro. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a “acender” não é necessariamente uma ação humana para justificar a ideia de personificação.

A alternativa C está incorreta, pois não há ideias opostas nesse trecho. “rir” e “contrários”.

A alternativa D está incorreta, pois não há ironia, pois ela está falando de uma situação feliz, de sonho.

A alternativa E está incorreta, pois esse trecho indica que ele já não estava vivo na época dos nascimentos, não que ele estava para morrer.

**Gabarito: A**

---

### 17. (FAMEMA - 2018)

Ao coração que sofre, separado  
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,  
Não basta o afeto simples e sagrado  
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,  
Nem só desejo o teu amor: desejo  
Ter nos braços teu corpo delicado,  
Ter na boca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem  
Não me envergonham: pois maior baixeza  
Não há que a terra pelo céu trocar;

E mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre e, na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar.

(Melhores poemas, 2000.)

A preocupação formal com a musicalidade dos versos é confirmada pelo emprego da



- a) metáfora em “Não basta o afeto simples e sagrado”.
- b) aliteração em “Ter na boca a doçura de teu beijo”.
- c) prosopopeia em “Com que das desventuras me protejo”.
- d) hipérbole em “Ao coração que sofre, separado / Do teu”.
- e) antítese em “Ficar na terra e humanamente amar”.

**Comentários:** A alternativa cuja correspondência entre exemplo e figura de linguagem faz mais sentido é aliteração em “Ter na boca a doçura de teu beijo”. A repetição dos sons de “t” e “b” justifica a aliteração. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há metáfora nesse caso. As palavras estão sendo usadas em seu sentido literal.

A alternativa C está incorreta, pois não há personificação, ou seja, a atribuição de ações humanas para seres não humanos.

A alternativa D está incorreta, pois hipérbole denota exagero, e não há exagero em dizer que o coração sofre.

A alternativa E está incorreta, pois antítese exigiria termos opostos, e isso não ocorre aqui.

**Gabarito: B**

## 18. (FUVEST – 2018)

Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo. 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- a) semelhança entre a língua de origem e a local.
- b) falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- c) falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- d) discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- e) incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

**Comentários:** O humor se encontra na situação das personagens: estão em um país estrangeiro, onde não compreendem o idioma. Por isso, saber se localizar geograficamente não elimina a dificuldade linguística envolvida.



A alternativa A está incorreta, pois o que gera efeito de humor é justamente a falta de semelhança entre as línguas.

A alternativa B está incorreta, pois a falha se dá pelo idioma, não pelo aparelho.

A alternativa C está incorreta, pois o problema está no idioma, não na inabilidade de utilizar o aparelho.

A alternativa E está incorreta, pois não há a informação sobre a dificuldade em reconhecer o ponto turístico especificamente.

**Gabarito: D**

---

Texto comum às questões: 19 e 20.

**19. (FUVEST – 2018 adaptada)**

**Sarapalha**

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
- É um instantinho e passa... É só ter paciência....
- É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p'r'os infernos!...
- Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
- Não foi no rio, eu sei... **No rio ninguém não anda... Só a maleita\* é quem sobe e desce**, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...
- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
- **O senhor já sabe as palavras todas de cabeça...** “Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo **e com a viola enfeitada de fitas...** E chamou a moça p’ra ir se fugir com ele”...
- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
- Prima Luísa...
- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
- Não é mesmo não...
- Pois então?!
- Conta o resto da estória!...



– ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, **ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa**, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”

Guimarães Rosa, Sagarana.

\*maleita: malária

No texto de Sarapalha, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- a) “No rio ninguém não anda”.
- b) “só a maleita é quem sobe e desce”.
- c) “O senhor já sabe as palavras todas de cabeça”.
- d) “e com a viola enfeitada de fitas”.
- e) “ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa”.

**Comentários:** A personificação, ou prosopopeia, ocorre na alternativa B. A malária é uma doença e a ela são atribuídas no texto ações humanas como “subir” e “descer”.

A alternativa A está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas ao “rio” nessa oração.

A alternativa C está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas a “palavras” ou “cabeça” nessa oração.

A alternativa D está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas a “viola” nem a “fitas” nessa oração.

A alternativa E está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas a “roupinhas” ou “trouxa” nessa oração.

**Gabarito: B**

## 20. (FUVEST - 2018)

Tendo como base o trecho “só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção...”, o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto

- a) causador da malária.
- b) causador da febre amarela.
- c) transmissor da doença de Chagas.
- d) transmissor da malária.
- e) transmissor da febre amarela.

**Comentários:** Essa é uma questão interdisciplinar. ACESSA conhecimentos de Biologia e Português. Uma doença não poderia ser classificada como uma “benção”. Portanto, há ironia no uso da palavra.

Para acertar essa questão, o aluno precisaria lembrar que o inseto é o transmissor da doença. O causador da doença é o parasita (*Plasmodium vivax*) que o mosquito transmite. Portanto, a alternativa correta é a D.

A alternativa A está incorreta, pois o inseto é transmissor da doença, não causador.

A alternativa B está incorreta, pois a maleita é a malária, não a febre amarela.



A alternativa C está incorreta, pois a maleita é a malária, não a doença de Chagas.

A alternativa E está incorreta, pois a maleita é a malária, não febre amarela.

**Gabarito: D**

**21. (FUVEST - 2017)**

**CAPÍTULO LIII**

.....

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento;—era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula,—coitadinha,—trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria,— uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio,—vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Dentre os recursos expressivos empregados no texto, tem papel preponderante a

- a) metonímia (uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, com base na relação de contiguidade existente entre ela e o referente).
- b) hipérbole (ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística).
- c) alegoria (sequência de metáforas logicamente ordenadas).
- d) sinestesia (associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão).
- e) prosopopeia (atribuição de sentimentos humanos ou de palavras a seres inanimados ou a animais).

**Comentários:** O narrador utiliza de metáforas botânicas, explicando o amor com a personagem Virgília a partir de referências a plantas e flores. Portanto, a alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois não há a predominância de usos conhecidos como “parte pelo todo” nesse texto.

A alternativa B está incorreta, pois não há o uso de termos exagerados como recurso preponderante.

A alternativa D está incorreta, pois não há a mistura de sensações associadas a sentidos humanos diferentes nesse texto.



A alternativa E está incorreta, pois não há a personificação, ou seja, a associação de características humanas a seres inanimados.

**Gabarito: C**

## 22. (UNESP – 2017)

Texto para as questões 19 e 20.

Leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

*À procura de uma besta.* – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior.*

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou



largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

O humor presente na crônica decorre, entre outros fatores, do fato de o cronista

- a) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.
- b) esforçar-se por ocultar a condição rural do autor do anúncio.
- c) duvidar de que o autor do anúncio seja mesmo João Alves.
- d) empregar o termo “besta” em sentido também metafórico.
- e) acreditar na possibilidade de se recuperar a besta de João Alves.

**Comentários:** O humor da crônica está em discorrer sobre o modo que o anúncio do desaparecimento de uma besta foi escrito, utilizando expressões atenuantes. Portanto, a alternativa correta é A.

A alternativa B está incorreta, pois quem tenta ocultar a condição rural com palavras e expressões rebuscadas é o autor do artigo e não o cronista.

A alternativa C está incorreta, pois não há passagem em que o autor questione a identidade do autor do artigo.

A alternativa D está incorreta, pois o cronista se debruça sobre o cuidado da escrita e não tenta fazer nenhuma referência de duplo sentido com a palavra “besta”.

A alternativa E está incorreta, pois no fim do texto deixa claro que já não há mais esperança de encontrar a besta, dado o tempo decorrido da escrita do artigo.

**Gabarito: A**

## 23. (IME – 2017)

### O HOMEM: AS VIAGENS

Carlos Drummond de Andrade

1

O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua



pisa na Lua  
planta bandeirola na Lua  
experimenta a Lua  
coloniza a Lua  
civiliza a Lua  
humaniza a Lua

2  
Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.

3  
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza  
civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.

4  
Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?

5  
Claro – diz o engenho  
sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
vê o visto – é isto?  
idem  
idem  
idem.

6  
O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

7  
Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta



só para tener?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

8  
Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangerousíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond. Nova reunião: 19 livros de poesia – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, pp. 448-450

Ao longo de todo o poema O Homem: As Viagens, o poeta usa exaustivamente como recurso de expressão (estilo) a

- a) adjetivação.
- b) comparação.
- c) repetição.
- d) aliteração.
- e) personificação.

**Comentários:** O recurso utilizado é a repetição. Ao longo do texto, Drummond repete diversas vezes as palavras “experimenta”, “coloniza”, “civiliza”, “humaniza”, além das repetições dos nomes “Lua” e “Marte”. Por isso, a alternativa certa é a C.

A alternativa A está incorreta, pois a adjetivação ocorre quando há mudança da classe gramática de uma palavra através da colocação de um artigo em frente à palavra (ex.: transformar verbo em substantivo: O amar é necessário.).



A alternativa B está incorreta, pois não há aproximação de elementos diferentes através daquilo que os une, tampouco conjunções comparativas.

A alternativa D está incorreta, pois não há repetição de letras gerando efeito sonoro significativo no poema.

A alternativa E está incorreta, pois não há seres inanimados com características humanas no poema.

**Gabarito: C**

---

## 24. (FGV – 2017)

### O país tenta se recompor

No Brasil, que enfrenta uma das piores recessões de sua história, a cada novo dado econômico que é divulgado, a questão que se coloca é a mesma: melhoramos ou continuamos a piorar? No final de agosto, os indicadores de desempenho do produto interno bruto do segundo trimestre apontaram uma retração de 0,6%, totalizando assim seis semestres consecutivos no vermelho. Da mesma forma, o último balanço do mercado de trabalho mostrou que o desemprego continua a se encorpar. Conclusão: pioramos. Já o índice que mede a produção industrial registrou em julho a quinta alta consecutiva. Para quem observa o mercado financeiro, com a recente sequência de altas da Bovespa e a valorização do real, a mensagem é de volta da confiança. Nova conclusão: estamos melhorando. A profusão de dados pintando um cenário contraditório apenas confirma que a retomada – por mais que seja desejada – tende a ser difícil e lenta. O que vai ficando claro é que, enquanto grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos, outra parcela – menor, é verdade – começa a se recompor. Trata-se de uma reorganização que, motivada pela crise, deverá redesenhar setores inteiros, determinar novos líderes de mercado e, no longo prazo, tornar a economia brasileira mais competitiva.

(Fabiane Stefano e Flávia Furlan. *Exame*, 14.09.2016. Adaptado)

Há linguagem figurada no trecho

- “melhoramos ou continuamos a piorar?”, em que o paradoxo evidencia a falta de perspectiva para a economia brasileira.
- “seis semestres consecutivos no vermelho”, em que “vermelho” constitui uma hipérbole que aponta o exagero da queda do PIB.
- “pintando um cenário contraditório”, em que o verbo traz uma ironia por meio da qual se questiona a real existência da crise.
- “grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos”, em que se personificam os elementos da economia.
- “deverá redesenhar setores inteiros”, em que a locução verbal sugere uma ação utópica, considerada a argumentação das autoras.

**Comentários:** A ação “contabilizar os mortos” é feita por humanos, portanto, ao atribuí-la à “grande parte da economia brasileira”, ocorre uma personificação. Por isso, a alternativa correta é D.



A alternativa A está incorreta, pois não há paradoxo, já que as informações não se negam. Há uma antítese ao colocar próximos termos opostos “melhorar” e “piorar”.

A alternativa B está incorreta, pois “vermelho” é uma metáfora para “endividado”, “sem numerários”.

A alternativa C está incorreta, pois “pintar” aqui não é usado de maneira irônica, mas sim metafórica, significando “compondo”, “criando”.

A alternativa E está incorreta, pois o uso do imperativo “deverá” significa sugestão ou ordem, não hipótese.

**Gabarito: D**

## 25. (FUVEST – 2016)

Examine este cartum.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

- a) utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- b) emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- c) representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- d) uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- e) inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

**Comentários:** O humor se dá pela inversão de um pensamento comum: que os animais seriam substitutos para aqueles que não podem ter filhos ou crianças. Assim, o humor se dá pelo inesperado da situação: inverter a lógica, dizendo que as crianças é que substituem os animais.

A alternativa A está incorreta, pois a expressão parodiada não é um provérbio, que se pressupõe ser uma frase que contém uma moral ou sabedoria.

A alternativa B está incorreta, pois o estilo da fala não é o que causa humor, mas sim o conteúdo.



A alternativa C está incorreta, pois o humor está na associação com crianças e não na relação entre cães e gatos.

A alternativa D está incorreta, pois o humor não está no estilo do desenho, mas sim na associação entre crianças e animais.

**Gabarito: E**

---

## 26. (UNIFESP – 2016)

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996).

### O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, shahmat – shah para rei, mat para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado shakhmat. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado checkmate (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64o quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões\*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é



muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial no presente. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado vizirmat, não temos o privilégio de saber.

\* 1 quintilhão = 1 000 000 000 000 000 000 = 10<sup>18</sup>. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo). (Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

No artigo, o recurso à ironia está bem exemplificado em:

- a) “O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós.” (4º parágrafo)
- b) “Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo?” (4º parágrafo)
- c) “Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu.” (1º parágrafo)
- d) “Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga.” (1º parágrafo)
- e) “Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.” (3º parágrafo)

**Comentários:** A ironia se encontra na alternativa E. Ao dizer que a dieta do grão-vizir era composta de fibras, Sagan ironiza o fato de que ele queria uma grande quantidade como pagamento. Não significa que ele de fato se alimentasse de muitos grãos.

A alternativa A está incorreta, pois está apenas relatando um fato, sem caráter irônico.

A alternativa B está incorreta, pois não há ironia na pergunta, ainda que ela tenha traços humorísticos.

A alternativa C está incorreta, pois apenas relata o percurso do jogo.

A alternativa D está incorreta, pois apenas introduz o início do relato e explica como o conheceu, sem ironias.

**Gabarito: E**

## 27. (UNESP – 2016)

Leia o trecho inicial de um poema de Álvaro de Campos, heterônimo do escritor Fernando Pessoa (1888-1935).

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.



Transbordou.  
Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,  
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.  
Estou doido a frio,  
Estou lúcido e louco,  
Estou alheio a tudo e igual a todos:  
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura  
Porque não são sonhos.  
Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!  
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!  
Que é do teu menino? Está maluco.  
Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?  
Está maluco.  
Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

*(Obra poética, 1965.)*

A hipérbole é uma figura de palavra que consiste no exagero verbal (para efeito expressivo):  
“já disse mil vezes”, “correram mares de sangue”.

(Celso Pedro Luft. *Abc da língua culta*, 2010. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de hipérbole no seguinte verso:

- a) “Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.” (3ª estrofe)
- b) “Mal sei como conduzir-me na vida” (2ª estrofe)
- c) “Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.” (1ª estrofe)
- d) “Se ao menos endoidecesse deveras!” (2ª estrofe)
- e) “Esta angústia que trago há séculos em mim,” (1ª estrofe)

**Comentários:** Na alternativa E há o aparecimento de uma hipérbole em “trago há séculos”. É impossível alguém estar vivo há séculos, portanto, essa expressão quer dizer, de maneira exagerada, “há muito tempo”.

A alternativa A está incorreta, pois há o aparecimento de um paradoxo, não uma hipérbole.

A alternativa B está incorreta, pois não há termo usado em sentido exagerado nesse trecho.

A alternativa C está incorreta, pois há o aparecimento de uma aliteração em S, não uma hipérbole.



A alternativa D está incorreta, pois não há exagero nesse trecho.

**Gabarito: E**

---

**28. (UNIFESP - 2016)**

Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580).

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela,  
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
passava, contentando-se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela,  
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,  
dizendo: “Mais servira, se não fora  
para tão longo amor tão curta a vida”.

(Luís Vaz de Camões. *Sonetos*, 2001.)

Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- a) “mas não servia ao pai, servia a ela,”
- b) “passava, contentando-se com vê-la;”
- c) “para tão longo amor tão curta a vida.”
- d) “porém o pai, usando de cautela,”
- e) “lhe fora assi negada a sua pastora,”

**Comentários:** A antítese ocorre quando há palavras de significados opostos na mesma construção. Isso ocorre no poema de Camões no verso “para tão longo amor tão curta vida”, já que as palavras “longo” e “curta” são opostas. Assim, a alternativa C é a correta.

A alternativa A está incorreta, pois apesar de haver uma oposição (não servir ao pai, servir a ela), não há uma antítese, pois não são ações essencialmente opostas.

A alternativa B está incorreta, pois não há oposição de termos nessa oração.

A alternativa D está incorreta, pois não há oposição de termos nessa oração.



A alternativa E está incorreta, pois há apenas o relato de uma negativa, mas não oposição de termos.

**Gabarito: C**

29. (ITA - 2016)

O efeito de humor da tirinha abaixo se deve:



Quino

- a) à postura desobediente de Mafalda diante da mãe.
- b) à resposta autoritária da mãe de Mafalda à pergunta da filha.
- c) ao uso de palavras em negrito e cada vez maior do 2º ao 4º quadrinho.
- d) ao fato de aparecer apenas a fala da mãe de Mafalda e não sua imagem.
- e) aos sentidos atribuídos por Mafalda para as palavras “títulos” e “diplomamos”.

**Comentários:** Mafalda faz uma brincadeira com a palavra título, ao associar uma relação de parentesco a uma noção de hierarquia: ser possuidora de um título seria garantia de maior autoridade. Como a mãe só se torna detentora desse “título” depois do nascimento da “filha”, então ambas foram “diplomadas” no mesmo dia: o de seu nascimento, o que torna ainda mais complexa a noção de autoridade, pois ambas detêm o título pelo mesmo tempo. Portanto, a alternativa correta é a E.

A alternativa A está incorreta, pois o humor não está na desobediência, mas sim no raciocínio lógico de Mafalda.

A alternativa B está incorreta, pois é a resposta de Mafalda, não a da mãe, que garantem o tom irônico.

A alternativa C está incorreta, pois nessa tirinha, isso é apenas um recurso para chamar a atenção às palavras, não lhes conferir humor.

A alternativa D está incorreta, pois independente da imagem da mãe, o humor se encontra nas falas e não na parte imagética da tirinha.

**Gabarito: E**

30. (IBMEC - 2016)





Disponível em: <http://www.bocamaldita.com/wp-content/uploads/2015/06/Nanildeologias.jpg>. Acesso em 02/09/2015

Nessa charge, o recurso utilizado para produzir humor é a

- a) linguagem *nonsense*, apresentando sentidos inconsistentes para as palavras “esquerda” e “direita”.
- b) metaforização do termo “direita”, indicando a inquietação existencial do personagem.
- c) polissemia das palavras “esquerda” e “direita”, com acepções associadas a diferentes campos semânticos.
- d) metalinguagem, traduzindo e revelando os sentidos implícitos do termo “esquerda”.
- e) repetição do termo “direita” como forma de denunciar a opressão política.

**Comentários:** “esquerda” e “direita”, aqui, pode ser entendido tanto como direções físicas quanto como espectros políticos. Portanto, o efeito de humor aqui está no duplo sentido possível das palavras “direita” e “esquerda”.

A alternativa A está incorreta, pois não há aqui um uso de linguagem nonsense, ou seja, sem sentido aparente.

A alternativa B está incorreta, pois não é possível presumir que haja inquietação existencial na personagem.

A alternativa D está incorreta, pois não há metalinguagem (a reflexão sobre o próprio código linguístico) nessa tirinha.

A alternativa E está incorreta, pois não é possível presumir o aspecto de opressão. A repetição do termo apenas indica a recorrência da direita, sem denunciar nenhum traço.

**Gabarito: C**

### 31. (FUVEST – 2015)

#### Capítulo CVII

##### Bilhete

“Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me



tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”

## Capítulo CVIII

### Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constringe e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

Ao comentar o bilhete de Virgília, o narrador se vale, principalmente, do seguinte recurso retórico:

- a) Hipérbato: transposição ou inversão da ordem natural das palavras de uma oração, para efeito estilístico.
- b) Hipérbole: ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.
- c) Preterição: figura pela qual se finge não querer falar de coisas sobre as quais se está, todavia, falando.
- d) Sinédoque: figura que consiste em tomar a parte pelo todo, o todo pela parte; o gênero pela espécie, a espécie pelo gênero; o singular pelo plural, o plural pelo singular etc.
- e) Eufemismo: palavra, locução ou acepção mais agradável, empregada em lugar de outra menos agradável ou grosseira.

**Comentários:** O narrador diz que não escreverá capítulos sobre o bilhete de Virgília e faz pouco caso dele. Assim, ele se vale do recurso da preterição, como está dito na alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há no texto predominância de períodos fora da ordem direta.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de usar muitos adjetivos, não há no texto o uso de expressões exageradas em excesso.

A alternativa D está incorreta, pois não há o aparecimento predominante de metonímias (nome mais popular para sinédoque) no texto.

A alternativa E está incorreta, pois o narrador não tenta amenizar as expressões, pelo contrário, não poupa expressões depreciativas.

**Gabarito: C**

32. (IME – 2015 adaptada)

CONSOADA

(Manuel Bandeira)



Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:  
— Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br>> Acesso em: 29 Abr 2014.

Ao utilizar a expressão “a Indesejada das gentes”, o autor faz uso da figura de linguagem conhecida como:

- a) hipérbole.
- b) anacoluto.
- c) antítese.
- d) metonímia.
- e) eufemismo.

**Comentários:** “a Indesejada das gentes” é um eufemismo para “morte”. A morte é um dos temas mais comuns a serem tratados de maneira mais amena, fazendo uso da figura de linguagem do eufemismo. Nesse caso, o poema fala sobre a aceitação da morte, pois quando ela chegar, encontrará “cada coisa em seu lugar”. Portanto, a correta é a alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há exagero nas formas em “Indesejada das gentes”.

A alternativa B está incorreta, pois não há a interrupção da oração ou irregularidade gramatical em “Indesejada das gentes”.

A alternativa C está incorreta, pois não há termos opostos dialogando nas orações em “Indesejada das gentes”.

A alternativa D está incorreta, pois não há o movimento de tratar o todo a partir de uma parte em “Indesejada das gentes”.

**Gabarito: E**

### 33. (FGV - 2015)

**Argumento** (Paulinho da Viola)

Tá legal  
Eu aceito o argumento  
Mas não me altere o samba tanto assim  
Olha que a rapaziada está sentindo a falta  
De um cavaco, de um pandeiro  
Ou de um tamborim.



Sem preconceito  
Ou mania de passado  
Sem querer ficar do lado  
De quem não quer navegar  
Faça como um velho marinheiro  
Que durante o nevoeiro  
Leva o barco devagar.

Ao empregar, na letra da canção, o verbo “navegar” em sentido metafórico e desdobrar esse sentido nos versos seguintes, o compositor recorre ao seguinte recurso expressivo:

- a) alegoria.
- b) personificação.
- c) hipérbole.
- d) eufemismo.
- e) pleonasma.

**Comentários:** A alegoria é um conjunto de metáforas ordenado para formar um todo. Como nos versos seguintes o autor fala sobre outras expressões ligadas à navegação (velho marinheiro, nevoeiro e barco), a alternativa correta é a A.

A alternativa B está incorreta, pois não há a atribuição de características humanas a objetos inanimados na letra.

A alternativa C está incorreta, pois não há exagero verbal presente na letra.

A alternativa D está incorreta, pois não há atenuação de expressões na letra.

A alternativa E está incorreta, pois não há redundância proposital na letra.

**Gabarito: A**

---

### 34. (ITA – 2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

(I. 1) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política migratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

(I. 7) O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender



bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

(l. 13) É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancett chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. *In: A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que há metonímia.

- a) gente para o asfalto (l. 6)
- b) plantar cidades (l. 11)
- c) apetite de vida (l. 18)
- d) fazer um mundo (l. 21)
- e) loteria humana (l. 35)

**Comentários:** A metonímia se encontra na alternativa A, “gente para o asfalto”. “asfalto”, aqui, possui uso metonímico significando “cidade” ou “local urbano”.

A alternativa B trata-se de uma metáfora.

A alternativa C trata-se de uma metáfora.

A alternativa D trata-se de uma hipérbole, significando “fazer muito”.

A alternativa E trata-se de uma metáfora.



## Gabarito: A

### 35. (FGV – 2015)

Sem aspas na língua

De início, o que me incomodava era o peso desproporcional que as aspas dão à palavra. Se escrevo mouse pad, por exemplo, suscito em seu pensamento apenas o quadradinho discreto que vive ao lado do teclado, objeto não mais notável na economia do cotidiano do que as dobradiças da janela ou o porta-escova de dentes. Já "mouse pad" parece grafado em neon, brilha diante de seus olhos como o luminoso de uma lanchonete americana. Desequilibra.

Tá legal, eu aceito o argumento: não se pode exigir do leitor que saiba outra língua além do português. Se encasqueto em ornar meu texto com "dramblys" ou "haveloos" - termos em lituano e holandês para elefante e mulambento, respectivamente -, as aspas surgem para acalmar quem me lê, como se dissessem: "Queridão, os termos discriminados são coisa doutras terras e doutra gente, nada que você devesse conhecer".

Pois é essa discriminação o que, agora sei, mais me incomoda. Vejo por trás das aspas uma pontinha de xenofobia, como se para circular entre nós a palavra estrangeira precisasse andar com o passaporte aberto, mostrando o carimbo na entrada e na saída.

Ora, por quê? Será que "blackberries" rolando livremente por nossa terra poderiam frutificar e, como ervas daninhas, roubar os nutrientes da graviola, da mangaba e do cajá? "Samplers", sem as barrinhas duplas de proteção, acabariam poluindo o português com "beats" exógenos, condenando-o a uma versão "remix"? Caso recebêssemos "blowjobs" sem o supracitado preservativo gráfico, doenças venéreas se espalhariam por nosso exposto vernáculo?

Bobagem, pessoal. Livremos as nossas frases desses arames farpados, desses cacos de vidro. A língua é viva: quanto mais línguas tocar, mais sabores irá provar e experiências poderá acumular.

Antônio Prata, Folha de S. Paulo, 22/05/2013. Adaptado.

Para caracterizar as aspas indesejadas, o autor se vale de imagens depreciativas, as quais constituem exemplos de

- a) personificação.
- b) eufemismo.
- c) comparação.
- d) metáfora.
- e) sinestesia.

**Comentários:** O autor faz uso da metáfora na relação entre os termos entre aspas e possíveis ações que eles teriam: metaforicamente, "blackberries" poderiam germinar na terra e roubar nutrientes de frutos brasileiros, "samplers" poderiam poluir o português e "blowjobs" poderiam espalhar doenças venéreas".



A alternativa A está incorreta, pois apesar de citar ações que as coisas poderiam fazer, não há aqui a atribuição de características humanas a esses elementos.

A alternativa B está incorreta, pois não há atenuação de informações com o uso de palavras estrangeiras.

A alternativa C está incorreta, pois ainda que cite palavras em português e outros idiomas, não há comparação entre termos ocorrendo no texto na mesma expressão.

A alternativa E está incorreta, pois não há mistura de sensações no texto.

**Gabarito: D**

---

**36. (IBMEC - 2015)**

Sintaxe à vontade

Sem horas e sem dores,  
Respeitável público pagão,  
Bem-vindos ao teatro mágico.

A partir de sempre  
Toda cura pertence a nós.  
Toda resposta e dúvida.  
Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser,  
Todo verbo é livre para ser direto ou indireto.  
Nenhum predicado será prejudicado,  
Nem tampouco a frase, nem a crase, nem a vírgula e ponto final!  
Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre vírgulas,  
E estar entre vírgulas pode ser apostrofo,  
E eu apostrofo o oposto: que vou cativar a todos,  
Sendo apenas um sujeito simples.  
Um sujeito e sua oração,  
Sua pressa, e sua verdade, sua fé,

Que a regência da paz sirva a todos nós.  
Cegos ou não,  
Que enxerguemos o fato  
De termos acessórios para nossa oração.  
Separados ou adjuntos, nominais ou não,  
Façamos parte do contexto da crônica  
E de todas as capas de edição especial.  
Sejamos também o anúncio da contracapa,  
Pois ser a capa e ser contra a capa  
É a beleza da contradição.  
É negar a si mesmo.  
E negar a si mesmo é muitas vezes  
Encontrar-se com Deus.  
Com o teu Deus.



Sem horas e sem dores,  
Que nesse momento que cada um se encontra aqui e agora,  
Um possa se encontrar no outro,  
E o outro no um...  
Até por que, tem horas que a gente se pergunta:  
Por que é que não se junta  
Tudo numa coisa só?

(O Teatro Mágico)

Em “nenhum predicado será prejudicado” e “E eu aposto o oposto”, destaca-se, no plano sonoro, a presença de trocadilhos que caracterizam uma figura de linguagem chamada de

- a) paronomásia
- b) assonância
- c) sinestesia
- d) onomatopeia
- e) perífrase

**Comentários:** Na paronomásia, combinam-se palavras de sons parecidos, relacionando-as. É o que ocorre entre “predicado” e “prejudicado” e “aposto” e “oposto”. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a assonância é a semelhança entre sons vocálicos e aqui o que ocorre é a semelhança da palavra como um todo.

A alternativa C está incorreta, pois não ocorre aqui a mistura de sensações advindas de sentidos diferentes.

A alternativa D está incorreta, pois não há aqui a grafia dos sons ou ruídos.

A alternativa E está incorreta, pois não ocorre aqui a substituição de termos por outros semelhantes a partir de suas características.

**Gabarito: A**

### 37. (FUVEST - 2014)

#### Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a  
[vidraça do carro\*,

vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,  
com medo de não repararmos suficientemente  
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite come o subúrbio e logo o devolve,



ele reage, luta, se esforça,  
até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais  
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

*Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo, 1940.*

(\*) carro: vagão ferroviário para passageiros.

Para a caracterização do subúrbio, o poeta lança mão, principalmente, da(o)

- a) personificação.
- b) paradoxo.
- c) eufemismo.
- d) sinestesia.
- e) silepse.

**Comentários:** Ao dizer que “o subúrbio se condensa para ser visto”, Drummond atribui uma ação humana a uma parte da cidade. O mesmo aparece ao dizer que o subúrbio “reage, luta, se esforça”, todas atividades humanas. Logo, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há termos que se negam essencialmente no poema.

A alternativa C está incorreta, pois não há atenuação de termos no poema.

A alternativa D está incorreta, pois não há mistura de sensações no poema.

A alternativa E está incorreta, pois não há discordâncias gramaticais propositais no poema.

**Gabarito: A**

### 38. (IBMEC – 2014)

#### Lentes da história

O que aconteceu com o sonho do fim da segregação racial que, há 50 anos, Martin Luther King anunciava para 250 mil pessoas na Marcha sobre Washington? Ele está perto de materializar-se ou continua uma esperança para o futuro?

A resposta depende dos óculos que vestimos. Se apanharmos a lente dos séculos e milênios, a "longue durée" de que falam os historiadores, há motivos para regozijo. A instituição da escravidão, especialmente cruel com os negros, foi abolida de todas as legislações do planeta. É verdade que, na Maurítânia, isso ocorreu apenas em 1981, mas o fato é que essa chaga que acompanhava a humanidade desde o surgimento da agricultura, 11 mil anos atrás, se tornou universalmente ilegal.

Apenas 50 anos atrás, vários Estados americanos tinham leis (Jim Crow laws) que proibiam negros até de frequentar os mesmos espaços que brancos. Na África do Sul, a segregação "de jure" chegou até os anos 90. Hoje, disposições dessa natureza são não só impensáveis como despertam vívida repulsa moral.

Em 2008, numa espécie de clímax, o negro Barack Obama foi eleito presidente dos EUA, o que levou alguns analistas a falar em era pós-racial.



Basta, porém, apanhar a lente das décadas e passear pelos principais indicadores demográficos para verificar que eles ainda carregam as marcas do racismo. Negros continuam significativamente mais pobres e menos instruídos que a média do país. São mandados para a cadeia num ritmo seis vezes maior que o dos brancos. As Jim Crow laws foram declaradas nulas, mas alguns Estados mantêm regras que, na prática, reduzem a participação de negros em eleições.

É um caso clássico de copo meio cheio e meio vazio. Do ponto de vista da "longue durée", estamos bem. Dá até para acreditar em progresso moral da humanidade. Só que não vivemos na escala dos milênios, mas na das décadas, na qual a segregação teima em continuar existindo.

(Hélio Schwartsman, *Folha de S. Paulo*, 28/08/2013)

Para reforçar seu ponto de vista acerca do tema abordado em seu artigo, o jornalista emprega a linguagem conotativa como estratégia persuasiva. Em “A resposta depende dos óculos que vestimos”, o autor recorre à/ao:

- a) antítese
- b) eufemismo
- c) aliteração
- d) metáfora
- e) paradoxo

**Comentários:** A expressão “óculos que vestimos” é uma metáfora para “o modo como vemos as coisas”. Por isso, a resposta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há uso de termos opostos na construção da expressão destacada.

A alternativa B está incorreta, pois não há termos usados de forma atenuada na expressão destacada.

A alternativa C está incorreta, pois não há produção de efeito sonoro a partir das consoantes na expressão.

A alternativa E está incorreta, pois não há elementos que se negam essencialmente na expressão destacada.

**Gabarito: D**

### 39. (INSPER – 2014)

Há pleonasmos e pleonasmos. Uns têm a força expressiva que os torna em figuras de linguagem, outros não passam de redundâncias, apêndices desnecessários ao discurso. Estes costumam causar enfado no leitor, que os sente como “obviedades”.

(Thaís Nicoleti, <http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/descobrir-o-desconhecido.jhtm>)



Assinale a alternativa que apresenta um exemplo de pleonasma cuja força expressiva cria um efeito estilístico.

- a) “Há um consenso geral de que o problema da bioenergia no Brasil se resume à logística.” (Folha de S. Paulo, 06/07/2007)
- b) “Qual o impacto distributivo de tudo isso? É um ótimo tema para encarar de frente” (O Estado de S. Paulo, 13/04/2014)
- c) “A não ser que tenha certeza absoluta, fuja do presente prático.” (Walcyr Carrasco)
- d) “Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor.” (Viana Moog)
- e) “Prefeitura doa terrenos para atrair investimentos e criar novos empregos” (<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/paranatv>)

**Comentários:** No período apresentado na alternativa D há um pleonasma utilizado de maneira poética: “sorrir um sorriso” é uma repetição, já que a ação implícita de sorriso é sorrir, mas neste caso o uso das duas expressões foi proposital, já que posteriormente aparecia a descrição do sorriso (marcado de pavor). Portanto, a alternativa correta é alternativa D.

**ATENÇÃO:** Muitas expressões de uso corrente são pleonasmos. Analise com cuidado as expressões mesmo que já esteja acostumado a utilizá-las no seu dia a dia.

A alternativa A apresenta pleonasma em “consenso geral”, pois “consenso” significa entendimento comum a todos.

A alternativa B apresenta pleonasma em “encarar de frente”, pois “encarar” significa olhar algo no rosto ou pela frente.

A alternativa C apresenta pleonasma em “certeza absoluta”, pois “certeza” pressupõe ausência de dúvidas, portanto, caráter absoluto.

A alternativa E apresenta pleonasma em “criar novos”, pois “criar” pressupõe o surgimento de algo que não existia antes e é, portanto, novo.

**Gabarito: D**

40. (INSPER - 2014)



(Folha de S. Paulo, 13/07/13)

O humor da tirinha constrói-se por meio da



- a) ambiguidade.
- b) paródia.
- c) metalinguagem.
- d) ironia.
- e) inversão de papéis.

**Comentários:** Uma paródia é uma obra que imita outra de maneira satírica ou humorística. Como na tirinha o autor faz uma releitura da fábula da Chapeuzinho Vermelho, há aqui um exemplo de paródia. Portanto, a alternativa correta é B.

A alternativa A está incorreta, pois não há termos ou situações com mais de um significado empregados.

A alternativa C está incorreta, pois não há reflexão sobre o próprio fazer da escrita na tirinha.

A alternativa D está incorreta, pois não há ironia enquanto figura de linguagem aqui. Apesar do conteúdo humorístico, não há aqui o uso de expressões com valor semântico diferente daquilo que normalmente querem dizer (traço forte da ironia).

A alternativa E está incorreta, pois não há inversão dos papéis característicos das personagens da história nessa tirinha.

**Gabarito: B**

---

#### 41. (INSPER - 2015)

**BOLA NAS COSTAS** – Levar uma bola nas costas significa ser traído ou ser surpreendido por uma atitude vinda de alguém que merecia sua confiança. Por falar nisso, conta-se que o famoso dicionarista Charles Webster certo dia foi flagrado pela esposa com a secretária no colo. Deu-se então o seguinte diálogo, com viés bem britânico:

- Estou surpresa com sua atitude, meu caro.
- Surpreso estou eu, você deve estar é surpreendida.

Pano rápido, o exigente dicionarista mais que depressa encerrou o assunto.

(Cotrim, Márcio. “Berço da palavra”. Revista Língua, março/2015, p. 62)

O verbete apresenta um tom bem-humorado, visto que

- a) é composto por uma definição e uma ilustração que não apresentam relação de coerência entre si.
- b) o autor inventa um significado para a expressão “bola nas costas”, a qual é específica do jargão esportivo.
- c) ilustra a definição da expressão por meio de um episódio em que o personagem usa a precisão linguística como subterfúgio.
- d) expõe a situação ridícula a que uma pessoa pode se sujeitar com o intuito de preservar um casamento.



e) a definição é ilustrada com um episódio em que o traidor tenta assumir o papel de vítima por meio de um jogo de palavras.

**Comentários:** Ao falar que “bola nas costas” significa “traição”, o autor faz uma associação de ideias que o leva à história do escritor de dicionário Charles Webster. Assim, ele usa a história para exemplificar uma história em que alguém levou uma “bola nas costas” metafórica. Por isso, a alternativa correta é a alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a definição dada e o exemplo fornecido são ligados pela ideia de traição. Nesta questão, a banca considerou “ilustração” como sinônimo para exemplo. Cuidado para não se confundir! As provas vestibulares indicam sempre quais os textos que você deve utilizar. Se nesta questão não há imagem alguma, não procure por imagens em outro local da prova.

A alternativa B está incorreta, pois “bola nas costas” tem origem no futebol, mas é utilizada em outros contextos além desse. Não é, portanto, invenção do autor.

A alternativa D está incorreta, pois o intuito da personagem era atenuar o problema, mas não é possível presumir se com a intenção de preservar o casamento.

A alternativa E está incorreta, pois a palavra “surpreso” é utilizada pelo personagem com o significado “aquele que foi surpreendido por alguém”. Portanto, não tenta inverter o jogo, pois admite que fazia algo errado quando foi pego.

**Gabarito: C**

42. (IBMEC - 2014)



(<http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/tagged/Garfield/page/6>)

Para identificar o efeito de humor dessa tirinha, o leitor deve perceber que

- a) o caráter polissêmico do termo “único” transforma o elogio em uma crítica.
- b) a antítese criada pela dupla ocorrência do termo “único” é responsável pela quebra de expectativa.
- c) na fala do gato, o termo “único” assume um tom de reverência à singularidade de seu dono.
- d) a repetição do termo “único” revela que Garfield imita seu dono com a intenção de irritá-lo.
- e) na segunda ocorrência, o termo “único” expressa a tentativa frustrada de Garfield consolar seu dono.

**Comentários:** Para a personagem, “único” significava “individual”, “especial”. Já para Garfield, “único” significava “apenas um”. Assim, enquanto o dono afirma gostar de pensar que ele é especial, Garfield afirma que é bom para todos que haja apenas um da personagem no mundo. Logo, a alternativa correta é a alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há antítese na palavra “único”, e sim polissemia.

A alternativa C está incorreta, pois na fala de Garfield não há demonstração de reverência, mas sim de desprezo.

A alternativa D está incorreta, pois não há imitação na tirinha. Garfield apenas utiliza o mesmo termo, mas com função e em construção diferente.

A alternativa E está incorreta, pois Garfield quer depreciar o dono, não consolar.

**Gabarito: A**

43. (UNIFESP - 2013)



(www.iturusgarai.com.br)

O efeito de humor da tira advém, dentre outros fatores, da

- a) ironia, verificada na fala da personagem como intenção clara de afirmar o contrário daquilo que está dizendo.
- b) paronomásia, verificada pelo emprego de palavras parecidas na escrita e na pronúncia, à moda de um trocadilho.
- c) metáfora, verificada pelo emprego de termos que podem se cambiar como formas sinônimas no enunciado.
- d) metonímia, verificada pelo emprego de uma palavra em lugar de outra por uma relação de contiguidade.
- e) onomatopeia, verificada pelo recurso à sonoridade das palavras, que atribui outros sentidos ao enunciado.

**Comentários:** A alternativa correta é a B, pois a paronomásia é definida pelo uso de palavras de sons e escritas semelhantes, fato que ocorre na expressão “só vácuo”, semelhante à palavra “sovaco” do primeiro quadrinho.

A alternativa A está incorreta, pois a personagem não afirma o contrário do que diz, mas sim cria um trocadilho.

A alternativa C está incorreta, pois não há sentido metafórico nas expressões, mas sim uma brincadeira com sons e grafias semelhantes.



A alternativa D está incorreta, pois não há o uso da parte pelo todo nessa situação.

A alternativa E está incorreta, pois não há sons ou ruídos grafados literalmente na tirinha.

**Gabarito: B**

**44. (FGV - 2013)**

Leia a charge.



([www.chargeonline.com.br](http://www.chargeonline.com.br))

A fala da mulher concorre para o efeito de humor da charge, pois contém palavra empregada em sentido ambíguo. Trata-se do termo

- a) NEVES, que pode referir-se a um nome de pessoa ou ao plural de “neve”.
- b) NEVE, que pode ser um substantivo simples, precipitação de gelo, ou um substantivo próprio, marca de papel higiênico.
- c) TÁ, que pode ser o verbo auxiliar da frase ou uma expressão coloquial usada para confirmar uma ideia.
- d) CAINDO, que pode significar precipitação de gelo ou tombo.
- e) TÁ, que pode indicar consentimento e aprovação ou expressar impaciência da personagem com seu companheiro.

**Comentários:** O humor da tirinha se encontra na palavra “Neve” que pode se referir tanto ao fenômeno meteorológico quanto ao nome da famosa marca de papel higiênico. Portanto, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o humor está no duplo sentido da palavra “neve”, não no nome da personagem.

A alternativa C está incorreta, pois “tá” não assume, nesse período, funções diversas. “tá” pode ser entendido de outro modo quando está em frases interrogativas (ex.: Pode ligar, tá?)

A alternativa D está incorreta, pois “caindo”, nesse caso, não pode ser entendido como “queda” ou “tombo”.

A alternativa E está incorreta, pois “tá” não assume tom de impaciência nesse caso. É apenas um uso coloquial.

**Gabarito: B**

---

**45. (UFPR - 2010)**

- Os economistas são entendidos em mercado financeiro.
- Os economistas descreveram os efeitos dos juros.
- Os juros são altos.
- Todos os efeitos são arrasadores.

Assinale a alternativa em que as informações acima foram reunidas adequadamente e sem ambiguidade.

- a) Os economistas que são entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos dos juros altos, que são arrasadores.
- b) Os economistas entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos que são arrasadores dos altos juros.
- c) Entendidos em mercado financeiro, os economistas descreveram os efeitos dos altos juros que são arrasadores.
- d) Em relação aos juros altos, os economistas, entendidos em mercado financeiros, descreveram os efeitos que são arrasadores.
- e) Os economistas, que são entendidos em mercado financeiro, descreveram os efeitos, arrasadores, dos juros, que são altos.

**Comentários:** A alternativa que relaciona de melhor maneira as orações é a alternativa E. A ordem das informações, ainda que não seja a mesma das alternativas, é a que torna o texto mais claro e com menos ambiguidades.

A alternativa A está incorreta, pois gera ambiguidade: não se sabe se são os juros ou os efeitos que são arrasadores.

A alternativa B está incorreta, pois passa sensação de restrição, como se houvesse efeitos que são arrasadores e outros não.

A alternativa C está incorreta, pois não se sabe são os efeitos ou os juros que são arrasadores.

A alternativa D está incorreta, pois não se sabe se os efeitos ou os juros são altos.

**Gabarito: E**

---



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como você percebeu, figuras de linguagem são um tema bem importante nos vestibulares. Se dedique a decorar as principais figuras para não ser pego desprevenido na hora da prova.

Na próxima aula, vamos falar sobre os seguintes tópicos de interpretação de texto:

- Prosa

- Poesia

- Intertextualidade

### AULA 03 – Interpretação: texto literário

Até lá, faça todos os exercícios para praticar bastante e não deixar pendências para o futuro! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.<sup>a</sup> Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	10/01/2019	Primeira versão do texto.

